

Curso Online de Filosofia

OLAVO DE CARVALHO
Aula 43

30 de janeiro de 2010

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

Boa tarde a todos, sejam bem-vindos. Nesta aula eu quero esclarecer uma noção que será importante daqui para diante — sobretudo a partir do mês de março, quando começaremos um ensino mais técnico da filosofia —, que é justamente a definição que eu tenho usado da filosofia como uma *técnica*. Para esclarecer isso é preciso entrar primeiro na questão do que é propriamente uma técnica e o que a diferencia da ciência.

O que faz, propriamente, uma ciência? A ciência recorta um determinado campo de fenômenos e procura encontrar um princípio causal comum que possa unificá-lo. Ela parte, sempre, de uma unificação meramente empírica — às vezes até mais ou menos arbitrária ou convencional — baseada em uma antecipação que o cientista tem do possível princípio unificador; em seguida ele procura encontrar esse princípio unificador, justificando e modificando o recorte inicial feito. A ciência é uma atividade que sempre vai tentar reduzir a multiplicidade à unidade: a multiplicidade de fenômenos à unidade de um princípio. É isso que você está fazendo ao encontrar a simples definição de um princípio, mesmo quando não há uma explicação propriamente, ou quando você reduz uma multiplicidade de fenômenos a um fenômeno singular que neles se apresenta sob formas variadas.

Por exemplo, quando se identifica vários fenômenos sob o nome de eletricidade, mesmo quando não se sabe o que é isso. Aliás, até hoje ninguém explicou precisamente o que é uma carga elétrica. Ninguém sabe o que é uma carga elétrica, mas se sabe que há vários fenômenos diferentes, com aparências diferentes, que se reduzem a esse fenômeno. Essa é uma característica da atividade científica: a redução de fenômenos variados e complexos a um fenômeno único e comum que está, por assim dizer, subentendido em todos. Nós poderíamos dizer que se está assim reduzindo diferentes aparências, diferentes propriedades ou diferentes acidentes a uma substância única.

Qualquer investigação científica visa a fazer isso. Claro que há uma série de procedimentos, não só para conceber a hipótese e para encontrar a definição apropriada dos vários conceitos que serão usados ali, como também procedimentos de verificação e de teste. Mas, em última análise, trata-se sempre de reduzir o múltiplo ao uno, ou aquilo que é mais superficial àquilo que é mais profundo e permanente.

Uma *técnica* faz exatamente o contrário: ela utiliza-se de várias correntes causais já conhecidas — empiricamente, sem necessariamente ter a explicação delas, mas sabendo desencadear uma causa e produzir um efeito — e as unifica em um objeto ou em um processo, visando produzir um determinado resultado. Então, o princípio unificador aí é o resultado, e não um conhecimento; é produzido um efeito, não um conhecimento. É importante ver que praticamente nenhuma técnica se utiliza correntes causais igualmente conhecidas. E, sobretudo, é importante ver que essas correntes causais são heterogêneas, elas jamais se unificam em um princípio comum. Suponha, por exemplo, que você queira fazer um computador. Para isso é preciso ter, primeiramente, o código binário, depois os circuitos integrados, e, também, a estrutura externa do computador. Você terá de usar princípios matemáticos, de eletromagnetismo e de química (que permitem a elaboração do material plástico ou metálico), e cada um desses vários elementos que compõe o computador tem a sua ciência própria, tem um corpo de conhecimentos que o permite, mais ou menos, entender aquele processo e manejá-lo de algum modo. Porém, esses processos são independentes e nunca se reduzem a um princípio comum. Nós não conseguimos conceber um princípio comum que explique, ao mesmo tempo, o código binário, os circuitos integrados, a química do plástico etc. O objetivo da ciência é encontrar um princípio ou um enunciado: a atividade da ciência termina na hora em que podemos enunciar uma proposição que idealmente explica e unifica o campo inteiro de fenômenos — o objetivo da ciência está cumprido quando se faz isso.

Porém, no caso da *técnica*, não. O objetivo está cumprido na hora em que se consegue produzir o efeito desejado, o processo desejado ou o objeto desejado. Por exemplo, você vai ao médico e toma uma injeção: uma coisa é o princípio de atividade da substância que ele está injetando em você, outra coisa são os princípios de hidráulica, que permitem que o líquido saia pela agulha em uma certa velocidade e em uma quantidade compatível com o que aquele ponto do organismo que foi atingido pela injeção pode comportar. Você tomou uma injeção de benzetacil. Existe um princípio comum que possa explicar, ao mesmo tempo, a penicilina e o funcionamento da seringa? Não, são duas coisas completamente heterogêneas.

A confusão entre ciência e técnica que se faz hoje é a raiz de uma infinidade de erros, de deformidades mentais. Sempre se explica, por exemplo, o sucesso da tecnologia pelo avanço da ciência, o que raramente acontece. Em geral, os equipamentos técnicos são inventados antes que se tenha uma explicação razoável de todos os seus componentes. Ao contrário: a capacidade que o sujeito tem de produzir equipamentos técnicos auxilia muito para que ele consiga, depois, encontrar os princípios científicos que expliquem os vários componentes deles. Isso quer dizer que em tecnologia é possível construir um equipamento ou criar um processo que funcione muitíssimo bem sem que você realmente compreenda todos os elementos ali envolvidos; e justamente o sucesso do procedimento técnico ajudará o sujeito a encontrar, mais tarde e retroativamente, essa explicação. Nós sempre temos de distinguir o que é o progresso das ciências do que é o progresso da tecnologia.

Quando eu defino a filosofia como uma técnica, o que eu estou dizendo é o seguinte (...) Chamaremos de teoria filosófica qualquer concepção do mundo que você tenha. A filosofia não é bem isso, mas é só para simplificar, por enquanto. Como é que você chega a construir essa concepção do mundo? Através da reflexão mais ou menos crítica a respeito não só da sua experiência, como da experiência alheia que foi adquirida através da educação, da cultura etc., e através do depoimento de pessoas. Ou seja, você usa uma infinidade de meios, e dessa infinidade de meios constrói, então, [00:10] uma certa concepção do mundo através de uma reflexão. Idealmente essa concepção do mundo deverá poder ser explicitada, depois, em palavras. E se ela for explicitada de acordo com certos cânones de racionalidade crítica que estejam à altura das exigências da tradição filosófica, isso passa a chamar-se, formalmente, uma filosofia.

Quer dizer, uma filosofia é uma concepção do mundo criticamente fundamentada. É fácil perceber que não se pode construir uma concepção do mundo tendo pleno controle crítico de todos os elementos que entraram nela — isso é absolutamente impossível. Claro que você pode usar elementos extraídos de uma ciência já bastante consolidada e avançada; quer dizer, as conclusões daquela ciência, e até as sugestões metodológicas que você obtenha dela, podem contribuir para elaborar a sua filosofia. Mas você também vai usar a sua experiência pessoal direta, às vezes até certos elementos subjetivos dificilmente comunicáveis, assim como você vai usar símbolos que extraiu da linguagem cotidiana, de uma tradição cultural ou religiosa etc. Você utilizará toda essa multiplicidade de elementos. Não há nenhum princípio comum que possa explicar todos esses materiais ao mesmo tempo. E a filosofia, quando chegar ao seu término — quer dizer, quando houver a expressão verbal e formal de tudo isso — também não terá explicado todos os seus elementos. Você apenas criará um certo senso de orientação no conjunto do conhecimento, tal como esse conhecimento chegou até você — seja pela experiência pessoal, seja pela cultura.

Mas é preciso entender o seguinte: qual é o objeto que o estudo prático da filosofia visa a produzir? Se você disser que o estudo da filosofia visa a produzir uma filosofia, está dizendo um contra-senso; porque o que nós chamamos culturalmente de filosofia são apenas os resultados finais, os resíduos verbais finais, de toda a experiência filosófica que levou à sua produção. Se os escritos de filosofia fossem o objeto da filosofia, então compreendê-los seria impossível; na verdade, ao tentar compreender um livro de filosofia você está tentando reconstituir as experiências cognitivas que levaram à sua construção, que a produziram. A obra filosófica, o escrito filosófico, é apenas um intermediário entre duas experiências humanas, que em si mesmas permanecem dificilmente expressáveis. Nem tudo o que o filósofo percebeu, pensou e conscientizou está nos seus escritos. Isso seria absolutamente impossível. A existência do escrito se justifica pela crença ou esperança que nós temos de que outras pessoas — se lerem aquilo com a intenção correta — possam refazer interiormente as mesmas experiências e entender não o que o filósofo disse, mas o que ele estava tentando dizer — o qual vai sempre muito além daquilo que ele efetivamente disse.

É fácil perceber que no uso de qualquer termo filosófico há uma infinidade de experiências cognitivas que estão, de certo modo, comprimidas ali. Por exemplo, nós usamos os termos substância, essência, existência, causa; nenhum desses termos se refere a um conteúdo simples, que se possa evocar por mero automatismo memorativo. Cada um desses termos condensa toda uma sequência de experiências cognitivas e uma sequência de depurações críticas que, freqüentemente, vão para muito além da vida do filósofo. Um simples termo condensa, às vezes, toda uma tradição de discussões e, portanto, compreender aquele termo é compreender o *status quaestionis* do objeto em questão; ou seja, é compreender a sequência histórica inteira dos esforços que foram feitos para chegar a compreender aquela realidade material ou ideal, ou de qualquer outro tipo que se esconde por trás daquele texto.

Isso é o mesmo que dizer que o conteúdo de uma filosofia não é totalmente dizível. E as obras de filosofia de Hegel ou de Aristóteles, por exemplo, não são as filosofias de Hegel ou Aristóteles; elas são apenas um instrumento verbal que usamos para poder conceber por trás delas o que foram efetivamente as filosofias de Hegel ou Aristóteles. Note bem que isso não acontece com obras de arte. Ouça o Concerto de Brandenburgo, de Bach. O que você está ouvindo é o Concerto de Brandenburgo, não há outro concerto atrás para você ouvir. Isso quer dizer que aquela experiência estética (de ouvir aquela música) se esgota precisamente naquela música, não há mais nada para se ouvir atrás. É claro que a música pode evocar mil e uma coisas. Porém, não é necessário mais nada além daquela música para se compreender o que ela está transmitindo.

Na filosofia isso jamais se cumpre. Por mais perfeita que seja a exposição de uma concepção filosófica, ela jamais se esgota no texto pelo simples fato de que cada termo filosófico não reflete uma “coisa”, mas uma longa tradição de investigações e discussões em torno dessa “coisa”. Mesmo com o mais banal dos termos filosóficos — como “substância”, que talvez seja o mais usado em filosofia —, você nunca está lidando com um terreno semanticamente tão bem estruturado que você possa reportar o significado dessa palavra a um objeto único, inequívoco. O objeto a que visa o estudo da filosofia não é a construção de uma filosofia, mas a educação do filósofo — se você quiser, a criação, a construção do filósofo. Todas as obras de filosofia e o ensino de filosofia visam a transformar os seus leitores e aprendizes em filósofos, mesmo que estes não cheguem a elaborar a sua concepção criticamente, a ponto de escrevê-la e exteriorizá-la completamente.

Se nós tomamos a figura arquetípica, por exemplo, de Sócrates, note que há uma infinidade de pontos nas suas discussões sobre os quais ele não chega a se explicar satisfatoriamente, de modo que ele deixa muita coisa para ser adivinhada. Você compreende o personagem de Sócrates e compreende que, além do que ele disse, havia muito mais coisas que ele sabia; que se ele não soubesse “tais ou quais” coisas, ele não poderia ter dito “tais ou quais” outras. E nesta investigação dos pensamentos que estão por trás daquilo que Sócrates disse você pode avançar em mais ou em menos, você pode acertar ou errar, pode perder o foco; mas passa-se com Sócrates exatamente o que se passa

com o conhecimento de qualquer pessoa. Partindo da experiência que você tem dela, do que a ouviu dizendo e do que a viu fazer, você concebe essa pessoa como totalidade dinâmica, que está sempre em movimento e cujo tônus interior você apreende de algum modo. Você sabe algo daquela pessoa e você é capaz de identificá-la [00:20] como uma individualidade autoconsciente; uma individualidade que tem uma vida interior, que tem um diálogo consigo mesma; uma individualidade que pensa, que se conscientiza, que pergunta, que busca etc. Se você não soubesse tudo isso a respeito de uma pessoa, ela seria apenas uma figura que se movimenta no espaço, apenas uma individualidade física. Mas note bem: quando o que você conhece de uma pessoa é a individualidade física, é exatamente aí que você diz que não a conhece. Você capta a individualidade física de qualquer pessoa que encontra na rua e da qual você não sabe nada. Bom, alguma coisa você sabe, porque sabe da existência física dela, você a viu. Por que você diz que não conhece essa pessoa? É porque você não tem idéia da individualidade interior autoconsciente dela.

Este detalhe do autoconsciente é absolutamente fundamental. Se você conversa com um cara que está maluco, esquizofrênico, você sabe que não o conhece efetivamente, porque não consegue captar a forma do diálogo interior dele — esse diálogo é fragmentário. Às vezes existem várias individualidades misturadas ali e nenhuma delas é perfeitamente estável. Você não tem este senso de unidade dinâmica e vivente que você sabe que constitui a vida interior de qualquer pessoa que conhece. Por difícil que seja expressar essa experiência do interior dinâmico do outro, mesmo assim é fácil compreendê-la; por exemplo, eu tenho a impressão de que todos vocês sabem do que eu estou falando. Vamos supor que você conviva com uma pessoa todos os dias. Por mais que você a conheça, você sabe que dentro do processo interior dela há a capacidade de conhecer outras coisas, de pensar outras coisas diferentes — não totalmente separadas do que ela pensou, mas ela pode acrescentar algo, pode integrar novas experiências.

Por exemplo, se você supõe uma situação à luz da seguinte circunstância: agora a pouco a gente estava andando na estrada 95, e havia 70 centímetros de neve no caminho. Havia um trecho em que, se você pisasse ali, a neve passava do nível do joelho. A possibilidade do carro cair pelo barranco ou ficar atolado era muito grande. Se isso acontecesse, e o carro tivesse quatro ou cinco pessoas dentro, cada uma delas agiria de maneira diferente. Um ficaria impaciente, outro ficaria com medo, outro dormiria. Você tem, mais ou menos, uma expectativa de como essas pessoas reagiriam baseada na experiência que você teve delas. Mas você sabe também que essas reações não são absolutamente necessárias, que pode haver uma reação diferente.

Você conhece as pessoas não como formas definida e acabadas — isso somente se elas já morreram, e se já morreram você sabe que não terá mais novidade, elas não farão nada de novo. Tratando-se de pessoas vivas nós conhecemos mais ou menos esta tensão interior de cada uma, que pode produzir tais ou quais reações em tais ou quais situações, ou pode produzir determinada conduta verbal: a pessoa pode dizer isto, pode dizer aquilo.

O modo como nós concebemos Sócrates é exatamente assim. Se você perguntar, exatamente, qual é a filosofia de Sócrates nós não sabemos, porque nós também não sabemos qual a parte dos diálogos platônicos onde Platão copia o que Sócrates disse, onde ele inventa alguma coisa, e onde ele complementa — onde ele conjectura não coisas que Sócrates disse, mas coisas que Sócrates, pelo que Platão conhece dele, poderia ter dito. É a mesma coisa que dizer que nós conhecemos Sócrates como um personagem intelectual-espiritual, não físico. As dicas que temos a respeito da aparência física de Sócrates são muito sumárias, não dá para imaginá-lo baseado nelas.

Nos casos em que o sujeito escreveu muitos livros de filosofia, mesmo se você conhecer tudo aquilo, ao fechar e encerrar a idéia que tem desse filósofo apenas no conteúdo do que está escrito você estará falseando completamente a coisa: (a) Primeiro porque nós sabemos que é impossível um filósofo escrever tudo que ele pensou; (b) segundo: nós sabemos que algumas das coisas que estão escritas dependem de outras, que ele pensou mas que não teve tempo de escrever; (c) terceiro: nós sabemos que, depois de escrever cada texto, o sujeito continua pensando, continua tendo experiências etc. Isso quer dizer que se nós não conseguimos captar algo do filósofo como nós captamos de um personagem, de uma pessoa que nós conhecemos ou, por exemplo, de Sócrates, então o nosso entendimento está precário. Isso aqui é o mesmo que dizer que nenhuma filosofia chega a um grau de exposição doutrinal tão perfeito que você possa, pelo texto, dizer que conhece a filosofia daquele indivíduo.

Há um outro aspecto também: por baixo daquilo que foi escrito e que foi dito existe uma série de várias camadas de outros pensamentos pensáveis, que o sujeito pode ter pensado efetivamente ou que ele poderia ou deveria ter pensado. Muito de uma filosofia se expressa não nos textos do seu autor, mas nos textos dos seus continuadores. O que seria do nosso conhecimento de Aristóteles se não houvesse dois mil e quatrocentos anos de aristotelismo, de tradição, de estudos aristotélicos que revelam uma filosofia de Aristóteles em novos aspectos, que você não teria percebido no primeiro instante? Alguns destes aspectos são apenas sementes que estavam no pensamento de Aristóteles e que podem ser desenvolvidos. Nós não sabemos se Aristóteles estava perfeitamente consciente dessas sementes ou se ele simplesmente passou por elas e foi adiante.

Em outros casos nós temos a certeza de que além da semente havia alguma coisa a mais, como por exemplo no caso da Teoria dos Quatro Discursos. Eu sei que Aristóteles tem uma teoria unificada do discurso porque se ele não tivesse uma teoria unificada por baixo da poética, da retórica, da dialética e da lógica tal como ele as apresentou, ele não poderia ter classificado os discursos de uma maneira tão ordenada e tão abrangente como fez. Por que eu sei disso? Porque Aristóteles diz que toda divisão se baseia em uma razão da divisão. Se você encontrasse outra razão, a classificação seria outra. No caso a razão é o quê? É o nível de credibilidade de cada discurso. Se o critério fosse outro, por exemplo a abrangência do assunto, a classificação seria outra completamente diferente. Se Aristóteles classificou os discursos pelo seu nível de credibilidade é porque ele sabia que existia o nível de credibilidade, ó raios! É ali que está o

fundamento unificador dos livros que Aristóteles concebeu a essas quatro disciplinas.

Posso assegurar que não estou apenas explorando uma semente que Aristóteles deixou pelo caminho; a semente poderia ser uma breve sugestão que ele deixou pelo caminho, mas nem pensou mais naquilo. Eu sei que a Teoria dos Quatro Discursos é algo mais que isso. Há uns anos atrás, por volta de 1990, houve um congresso internacional sobre Aristóteles e, mais do que os filósofos de profissão, havia ali muita gente ligada às Ciências Naturais, que estavam interessados em explorar a física de Aristóteles como uma metodologia científica, [0:30] distinguindo-a, portanto, da Ciência Física enquanto tal. Então eles descobriram que a física de Aristóteles é mais uma metodologia do que uma física. Durante 2.400 anos ela não tinha sido lida assim. E na cabeça de Aristóteles as duas ideias estavam misturadas, ele não as tinha separado, não tinha distinguido suficientemente o conceito da Ciência Física do conceito da Metodologia da Ciência — pelo menos não havia feito naquele livro. Nesse caso você está explorando uma potencialidade que havia dentro da filosofia de Aristóteles, mas da qual ele podia não ter prestado a mais mínima atenção. O problema dessa distinção não se colocou para ele; à medida em que foi especulando sobre o fenômeno que ele chamava Natureza, *physis*, ele fez uma série de observações, e dessas observações uma se refere à natureza enquanto tal e outra se refere ao modo de conhecê-la. Ele fez tudo misturado, hoje em dia não se faria isso. Você não vai confundir um livro de física com um livro de metodologia da física.

Quando descobriram que valia mais a pena ler a Física de Aristóteles como uma metodologia do que como uma física propriamente dita, descobriram ali novidades que os séculos anteriores jamais tinham percebido. Tudo isso estava embutido na filosofia de Aristóteles e é uma riqueza da filosofia dele — porém só aparece depois. Isso é para vocês verem como o mero texto filosófico em si mesmo não é o produto terminal. Existem coisas que estão para trás dele, que são os outros pensamentos e as outras experiências cognitivas que o filósofo teve de ter para escrever aquilo; e existe, a partir do texto, todos os desenvolvimentos potenciais que estão ali embutidos, quer o filósofo estivesse bastante consciente daquilo, quer não tivesse prestado a mais mínima atenção — tudo isso está ali dentro.

Isso é o suficiente para concluir que o objetivo da filosofia não é criar filosofias, mas criar filósofos. Se fosse criar filosofias nós teríamos de dizer que a filosofia de um fulano, considerada em si mesma, está nas suas obras. Porém, se nós entendemos essa filosofia somente no sentido estrito em que ela está transposta no escrito, nós a entendemos muito pouco, e frequentemente o nosso entendimento será deficiente. Alguns estudiosos e eruditos insistiram muito na fidelidade ao texto — como, por exemplo, o famoso Martial Guérout, que escreveu o livro *Descartes segundo a ordem das razões*, um clássico dos estudos filosóficos e que teve muita influência na USP. Mesmo o Martial Guérout, que é um fanático da atenção ao texto, presta atenção ao texto para descobrir coisas que de certo modo estão nele mas não estão evidentes. Por exemplo, comparar um pedaço que está na página 13 com outro pedaço que está na página 147. Bom, o que está na página 13, está na página 13; o que

está na página 147, está na página 147. E a ligação entre eles não está em página alguma, é algo que você pode descobrir como uma condição prévia: para Descartes escrever o que ele escreveu numa página e na outra, ele precisaria saber uma terceira coisa que não está dita nem em uma, nem na outra.

Mesmo quando se estuda filosofia na base da atenção e da fidelidade estrita ao texto, você está indo além dele; não tem “barriga me dói”, não tem escapatória. Você tem sempre de ir além do texto; e na hora que está indo além dele você está penetrando na personalidade intelectual do filósofo, no conjunto de experiências cognitivas que ele teve e que ele só registrou sob a forma do produto dessas experiências. Mesmo quando o filósofo conta o processo cognitivo pelo qual ele chegou a essas conclusões, ele pode contar de maneira demasiado sumária ou até errada — que é precisamente o que eu acho que acontece no caso do livro de Descartes que o Guérault analisa, que é *As meditações de filosofia primeira*. Eu já fiz dois trabalhos sobre isso, mostrando que Descartes contou muito mal a sua experiência interior; que ele não contou o que efetivamente aconteceu por dentro dele. Descartes não contou a sequência real das experiências interiores que o levaram àquelas conclusões, mas montou um esquema idealizado daquilo e em seguida passou a acreditar neste esquema idealizado como se ele tivesse sido a efetiva experiência.

Hoje nós sabemos que durante o período em que ele estava ocupado com aquelas meditações sobre qual é o fundamento da certeza cognitiva, ele teve três sonhos e, de certo modo, todo o percurso filosófico posterior dele já estava dado compactamente nesses sonhos. Hoje nós sabemos disso por outros documentos, por depoimentos de terceiros etc., mas isso não está referido explicitamente. Se algo da filosofia de Descartes surgiu através dos sonhos, então é claro que a imaginação está integrada, não no método que Descartes professa, mas no método que ele seguiu realmente. De modo que por trás da narrativa de Descartes existe uma outra narrativa que Descartes não fez, que é a da sua verdadeira efetiva autobiografia interior. E quanto mais nós nos aproximamos dessa efetiva autobiografia interior, mais profundamente nós compreendemos o que ele quis dizer e não disse, incluindo aí o elemento de disfarce proposital que a coisa pode ter tido. Então, se nós disséssemos que Descartes usou um método eminentemente imaginativo, onírico e poético, praticamente todos os estudiosos de Descartes, pelo menos até uns 50 anos atrás, achariam isso absurdo. Eu não acompanho os estudos cartesianos assim tão meticulosamente para saber exatamente qual é o estado em que estão hoje, mas se tivermos em conta o que era o consenso acadêmico a respeito de Descartes até uns 50 anos atrás — quando saiu o livro do Guérault ou outros livros importantes sobre o Descartes, escritos pelo Ferdinand Alquié ou, mais antigamente, Charles Renouvier, seguindo a tradição dos estudos cartesianos —, esta afirmação minha de que Descartes usou um método onírico soaria como o absurdo dos absurdos. Hoje já não soa mais porque teve gente que estudou esses papéis e estudou a participação de Descartes em sociedades esotéricas. Hoje sabemos que Descartes não foi tão cartesiano quanto parece; na verdade não foi nada cartesiano. Tudo isso está embutido lá dentro. E

levando em conta tão somente o texto será difícil chegar a essas profundidades.

Dos vários textos filosóficos escritos por filósofos é possível extrair a ordem interna, a estrutura interna ou o sistema de pensamento deles — aquilo que nós chamamos tecnicamente um filosofema. O que é um filosofema? É uma palavra construída como um teorema em geometria; quer dizer o quê o sujeito está querendo demonstrar e qual é a sequência de procedimentos que ele chegou a isso (demonstrar ou, às vezes, mostrar). Então seria propriamente o conteúdo da filosofia dele teoricamente, expressável em outra linguagem que não a dele. [0:40] Porém, nessa transformação do texto no seu conteúdo filosófico, no seu filosofema, é que a coisa complica; porque nunca se pode dizer que o filosofema está inteiro no texto. O texto dá uma série de sugestões, mas você tem de complementá-lo, pelo menos imaginativamente, para saber porque o sujeito chegou pensar tal coisa ou tal outra, para ir além daquilo mesmo que ele está contando explicitamente ou daquilo que ele está expondo.

Ademais, se o objetivo do ensino da filosofia fosse criar filosofias, teríamos de supor que a filosofia do sujeito que está a transmitindo não é suficiente para aquelas pessoas que estão ouvindo, então elas vão precisar de fazer uma outra. Isso às vezes acontece, às vezes não. Quando você vê a extensão de tempo em que vários estudiosos conseguem continuar trabalhando dentro da mesma linha aberta por um filósofo — seja Aristóteles, Sto. Tomás de Aquino ou Platão —, você vê que essas pessoas não precisaram criar uma filosofia nova porque aquela que lhes foi legada estava suficiente para resolver estes problemas e só precisavam ser complementadas aqui ou ali. Então se você já encontrou a resposta numa filosofia já pronta, por que é que você vai fazer outra? Só para mostrar que é o gostoso? Ninguém faz isso. Quando o indivíduo se atira a criar uma filosofia nova quer dizer que ele não encontrou nas outras uma resposta para aquelas questões que estava procurando. Então, de certo modo, ele é obrigado a ir além dos seus antecessores. Ir além um pouquinho todo mundo vai, mas não ao ponto de ter de criar um edifício de idéias totalmente novo. Às vezes, quando se consegue modificar um pouco a interpretação de um grande filósofo de modo a explorar certas possibilidades que ali estavam e que as pessoas não tinham percebido, já se fez demais. Isso foi, por exemplo, o que Sto. Tomás de Aquino tentou fazer: ele tentou extrair de dentro de Aristóteles alguns elementos que, por um lado, o ajudassem a expressar e defender filosoficamente os conteúdos da Teologia Cristã, e que, por outro lado, compatibilizasse Aristóteles com a própria tradição na qual Sto. Tomás de Aquino se inseria — a ambição dele foi apenas essa e não a de criar uma filosofia totalmente nova; ele nem pensou nisso. Ele acabou criando, mas não era esse o objetivo.

Agora, que o ensino da filosofia vai ter de preparar as pessoas para serem filósofos, isso me parece o óbvio. Ainda quer as suas aptidões filosóficas cheguem a desenvolver-se ao ponto de você criar uma filosofia própria e conseguir expô-la em texto, quer seja uma filosofia apenas para a sua orientação pessoal, dentro do mundo da experiência e da cultura. Além de Sócrates, houve outros filósofos cuja expressão pública, principalmente escrita, era muito pobre em relação ao conjunto do que eles sabiam, do que eles

percebiam e do que eles eram. Por exemplo, o caso do famoso filósofo romeno, Petre Țuțea. Țuțea não era um filósofo totalmente oral, ele escreveu algumas coisas. E essas coisas estão sendo recolhidas e publicadas agora pelo meu amigo Tudor Munteanu, cujo pai, que foi embaixador romeno aqui nos EUA, foi muito amigo do Petre Țuțea. Porém, ele e os outros discípulos e continuadores de Petre Țuțea sabem que algumas das melhores coisa que Țuțea chegou a entender e perceber não foram escritas, foram ditas. E por trás destas que foram ditas pode-se conceber inumeráveis outras que ele apenas insinuou, mas que se sabe que ele percebeu e não vivenciou só como insinuação, mas como evidência plena. Țuțea sabia muito mais do que disse e disse muito mais do que escreveu. Então, o que é absorver esse pensamento de Petre Țuțea? É só considerar o que está nos escritos dele? Não! Além dos escritos você tem considerar o que ele disse, o que as pessoas lembram que ele disse; e por trás do que ele disse você chegar a perceber quem ele era, não só como filósofo *ex professo*, mas como um ser humano inteiro. Então aí você está vivendo dentro daquela atmosfera de Petre Țuțea. E ser capaz de imbuir-se dessa atmosfera e de certo modo personificá-la e representá-la é que é ser um discípulo de Petre Țuțea. O próprio Tudor Munteanu nunca publicou um trabalho filosófico na vida e, no entanto — do pouco que eu sei do Petre Țuțea —, eu sei que ele personifica essa tradição talvez melhor do que ninguém, talvez até melhor que as pessoas que escreveram livros inteiros sobre o Petre Țuțea. Por quê? Porque ele se impregnou; o amor que ele tinha a esse mestre (mestre que não era nem dele, mas do pai dele) era tão profundo que ele compreende o Petre Țuțea até naquilo que ele não disse. E, sobretudo, foi ele o sujeito que desmistificou a idéia de que o Petre Țuțea era um filósofo oral, porque ele sabia que o Țuțea tinha escrito algumas coisas; ele foi atrás, encontrou os papéis e está publicando agora, em parte em romeno. Se quiserem depois eu dou o site dele; não lembro aqui de cabeça o site onde ele está publicando essas coisas.

Do mesmo modo, sempre se soube que além do que Platão escreveu tinha o ensinamento oral, que era a parte mais importante. E notem bem, se passaram dois mil e quatrocentos anos antes que alguém tentasse juntar os vários depoimentos que havia sobre o ensinamento oral de Platão, e relacionando com o que estava nos escritos de Platão, contruir o edifício do que seria esta filosofia esotérica de Platão — que foi o que fez o Giovanni Reale num livro maravilhoso chamado *Por uma nova interpretação de Platão*. Sem essa compreensão do ensinamento discreto do Platão, a compreensão que nós temos da filosofia dele é muito deficiente, e ela termina sobretudo em certas aporias, certos enigmas aparentemente insolúveis devido a idéia errada do famoso dualismo platônico — de pensar que existe de um lado o mundo físico e de outro o mundo das idéias; e não tem como passar de um para o outro, nem do outro para um. O Reale mostra que por trás dessas duas concepções tem um terceiro andar: o mundo dos princípios, que vai abranger os dois outros. Depois disso já não cabe falar no dualismo platônico.

Eu estou dando todos esses exemplos para mostrar como a filosofia de um sujeito não é o que ele escreveu, mas é o que ele sabia; é o conjunto unificado das experiências interiores que o indivíduo teve acesso e que marcam, com o seu tomos, o conjunto do que ele escreveu e que até unificam esses escritos num grau superior. Se você não chegar a entender isso, você não entendeu o

filósofo; está apenas lidando com textos, está fazendo filologia e não filosofia. Claro que o estudo filológico dos textos é extremamente importante para saber, por exemplo, quando eles foram escritos. Houve um monte de estudos que através de mudanças estilísticas tentaram estabelecer uma cronologia dos escritos de Platão, com maior ou menor acerto. [0:50] Também é importantíssimo compreender a evolução do pensamento do cidadão, mas isso é um estudo meramente filológico; é um auxiliar importante, mas filosofia vai muito além disso.

A filosofia é uma técnica, e a técnica se destina a fazer a fazer do estudante um filósofo; em princípio dedica-se a fazer de todo mundo um filósofo. É a mesma coisa que dizer que um filósofo nunca escreve livros para quem não quer ser filósofo. Se você não quer ser filósofo, você não faz parte do grêmio. Não tem como escrever um livro de filosofia para não-filósofos — isso é impossível. Ler um livro de filosofia e acompanhar aquilo já é estar exercendo a filosofia! Não é assim como, por exemplo, um jogo de futebol, que você pode ensiná-lo para quem nunca jogou e não vai jogar; você mostra as regras, mostra como funciona e ele entenderá o futebol. Mas a filosofia não é ensinável desde fora: o aprendizado de filosofia já é uma participação no mundo filosófico. E não é uma participação graduada, não existe um jeito de você fazer uma filosofia elementar, explicar só um pouquinho, e deixar os problemas mais difíceis e mais profundos para depois — isso não é possível. Desde o primeiro instante, ainda que não perceba, você já está no meio dos problemas mais encrencados. Por exemplo, eu acabei de usar a palavra *substância*. A noção de *substância* é, de certo modo, um assunto de permanente problematização, questionamento e proposta de novas soluções. Então quer dizer que se o professor usou a palavra *substância* e você a ouviu, você já está encrencado, já está no meio da filosofia. Ensinar filosofia para não filósofos é uma impossibilidade.

É mais ou menos assim como é impossível demonstrar amor pela sua namorada, pela sua esposa, pela sua amante etc., sem entrar numa relação amorosa com ela. Você não fala “me mostra primeiro, e daí se eu gostar eu entro”. Mas como? Isso é impossível. Você pode mostrar signos de sua afeição pela pessoa, mas a experiência mesmo do amor só acontece se os dois entrarem, senão não vai acontecer. Filosofia é uma coisa deste tipo: você não a aprende de fora, você entra. Na medida em que entra, nós entendemos qual é o objeto formal desta técnica, e o objeto formal é fazer um filósofo. O filósofo é o sujeito capaz de participar dessas experiências cognitivas que constituem a tradição filosófica e, eventualmente, é capaz de acrescentar ou de modificar alguma coisa da tradição etc. — mas isso não é exigível. Esse é o objeto formal. Porém, qual é o objeto formal terminativo? Em última instância, o que nós estamos procurando com isso? E em que consiste ser filósofo, em exercer a filosofia? Há uma segunda pergunta. Já foi explicado que o ensino da filosofia não visa a criar novas filosofias, mas a criar novos filósofos. E esses filósofos fazem o quê, do que eles se ocupam? Qual é a finalidade desta atividade que eles vão desenvolver — seja exteriormente, no papel, através de palavras, ou seja interiormente? Note bem que uma filosofia que não tivesse nenhuma expressão exterior, que não fosse escrita nem dita, mas que fosse

simplesmente pensada, já existiria como filosofia — ainda que ninguém soubesse disso.

O objetivo da filosofia é muito simples: articular conhecimento e consciência. Conhecimento é aquilo que pode ser registrado sob a forma de documentos fixos — por exemplo, uma lei de física. A partir da hora que você chegou a uma fórmula explicativa ou descritiva, essa fórmula é registrada e ela pode ser repetida de maneira indefinidamente igual. É o famoso $e=mc^2$, da teoria da Relatividade. Ninguém modificou isso, a fórmula é essa. No entanto, se nós perguntamos o que quer dizer isso, há um primeiro nível de explicação que é a simples explicitação dos termos (energia, massa, velocidade etc.). Em qualquer livro elementar de física — no meu tempo a gente usava o de um sujeito chamado Antônio Souza Teixeira Junior, um livro que eu achava brilhante, muito didático e bem arrumadinho — você entende a fórmula porque ela está relacionando vários termos que se referem a certos conceitos que, por sua vez, se referem a processos realmente existentes na natureza. Então esse é o primeiro nível de entendimento. Agora, o estudante que está simplesmente estudando física, ou para passar no exame ou até para exercer a função profissionalmente mais tarde, pode se contentar com isso. Mas nós, diante de uma fórmula científica qualquer, podemos também perguntar por que é assim, qual é o sentido disso. O sentido significa, por um lado, qual é a fundamentação, qual é a razão; e por outro lado significa quais são as consequências disso para o conhecimento em geral, para a vida humana em geral, e para as demais ciências. Por exemplo: em que uma certa descoberta física pode afetar, digamos, a química, a biologia etc.? Tal resposta a simples fórmula física não pode nos dar. E a ciência física inteira não pode nos dizer, porque não tem jeito de uma ciência abranger em si uma outra a tal ponto de explicar quais são as consequências que ela pode ter sobre essa outra. A física não pode explicar as consequências que uma descoberta da física terá sobre a química, a biologia etc., muito menos explicar quais são as consequências que essa descoberta tem para a concepção geral do mundo. É claro que o físico tem alguma concepção geral do mundo, que não precisa ser necessariamente coerente com a própria física que ele fez, e que pode, às vezes, ser relativamente pobre em relação à física.

Quando você estuda a vida de Isaac Newton, você vê que trabalho que ele fez com relação à gravitação universal é um prodígio de exatidão, de atenção crítica; tudo ali está pensado. [1:00] Só que ele fez tudo aquilo com a idéia de fundamentar uma outra concepção geral do cosmos que não estava explicada no livro dele, *Os princípios matemáticos da filosofia natural*. Está explicado em outros textos que, para ele, tinham muito mais importância que *Os Princípios Matemáticos da Filosofia Natural*. E nessa cosmovisão entrava a reinterpretação inteira da Bíblia, onde ele a entendia de uma maneira que hoje nós diríamos islâmica, com a idéia de uma espécie de metafísica da unidade absoluta que implicava a negação da Trindade e a afirmação de Deus como uma entidade metafísica absoluta, unitária, incomunicável — mais ou menos como no Islam. Bem, tudo isso aí é imensamente discutível e muito menos sólido.

O conjunto da concepção do mundo de Newton é muito menos sólido que aquela peça única que ele escreveu sobre a gravitação. Porém, mesmo aquela peça se baseia em fundamentos metafísicos que também são discutíveis, como a idéia de Espaço Absoluto e Tempo Absoluto. O que é o Espaço Absoluto? É o espaço considerado sem nada dentro. E o que é o Tempo Absoluto? É o tempo onde não acontece nada, é a duração pura. Ora, se ele está supondo que Espaço Absoluto e Tempo Absoluto são componentes reais do cosmos, está fazendo uma pequena confusão. Porque espaço não é nada mais que a possibilidade de conter alguma coisa (não há uma coisa chamada espaço dentro da qual estejam contidas coisas), se não houver absolutamente nada para estar dentro do espaço, a noção de espaço não faz sentido. E do mesmo modo, o tempo é simplesmente a sucessão dos acontecimentos. Duração absoluta é uma coisa que nós pensamos. Por exemplo: o dia dura vinte e quatro horas. Nós inventamos essa medida, nós a subdividimos em vinte e quatro horas e nós conseguimos conceber a idéia de vinte e quatro horas sem termos de conceber o que aconteceu durante as vinte e quatro horas. Mas, note bem, essa distinção é mental. Pode-se conceber, na realidade, vinte e quatro horas durante as quais não aconteceu absolutamente nada? E, mais ainda, conceber vinte e quatro horas dentro das quais não existisse nenhum ser real para o qual pudesse acontecer alguma coisa? Como você pode falar em 'transcurso de tempo' se nada transcorreu?

Então nós entendemos que a idéia de Espaço Absoluto e de Tempo Absoluto são hipóteses metafísicas absolutamente sem fundamento a que ele teve de recorrer para construir aquela idéia da mecânica universal — que em si mesma e retirados esses dois pressupostos, está muitíssimo bem construída e é, de certo modo, irretocável. Quanto mais tempo passa, a gente vê que os cálculos que Newton fez para aquele campo de objetos que ele delineou, funcionam perfeitamente bem. Depois disseram que num mundo subatômico aquilo ali não funciona. Bem, Newton não está falando de nada subatômico, está falando de entidades visíveis, corpos macroscópicos. No caso, vejam como a concepção do mundo de um cientista não é necessariamente coerente com a investigação científica que ele fez (ela pode, no seu conjunto, ser até bem menos sólida do que os seus estudos, do que os estudos científicos que ele desenvolveu). No caso de Einstein, a teoria da relatividade também é outra construção absolutamente majestosa! Só que ele, extrapolando da teoria da relatividade especial geral a uma concepção maior, chegou à conclusão de que a física quântica não poderia funcionar. Mas se tem uma coisa que funciona é a tal da física quântica! Então na investigação científica ele foi muito rigoroso, muito correto. Mas na hora em que tenta criar uma concepção geral e, à luz dessa concepção geral, julgar o trabalho científico do outro, ele paga um mico.

Quando nós perguntamos o que significa tal ou qual conclusão científica, tal ou qual proposição científica, estamos indo infinitamente além daquilo que aquela ciência pode perguntar sobre si mesma. Mesmo porque os fundamentos que levam uma ciência a recortar um certo campo de fenômenos para poder investigá-los de acordo com certos métodos, não podem ser justificados em função destes mesmos métodos! Por exemplo: “vamos fazer uma física do mundo macroscópico”. E esta física vai nos dizer o que é macroscópico e o que é microscópico? Ela não pode fazer isso! Você vai ter de partir de um recorte

puramente empírico — claro que depois retroativamente você pode tentar justificar aquilo. Mas isso quer dizer que nenhuma ciência pode, por si mesma e pelos seus próprios métodos, justificar o seu próprio fundamento, a sua própria eficácia e, muito menos, explicitar as suas conseqüências para o conhecimento humano em geral, para a vida humana em geral e para as demais ciências. Ou seja, é o mesmo que dizer que o conjunto das proposições de uma ciência tomado em si mesmo não faz o menor sentido.

Na aula passada, eu dei o exemplo da física quântica, que é a coisa mais respeitável que existe na ciência física universal desde o primeiro físico do mundo. Se tem uma coisa em que as contas dão sempre certo, é na física quântica — são contas probabilísticas, mas não erram. Já fizeram os testes milhares e milhares de vezes e eles dão sempre certinho. Então se há alguma coisa inabalável na ciência física é a quântica. Só que quando você pergunta "por que é assim?", há três hipóteses:

- 1 - Não dá para saber por que é assim, só podemos descrever esse mundo de probabilidades e não dá para investigar um centímetro para além disso;
- 2 - Deve existir embaixo disso um princípio unificador que nos escapa completamente;
- 3 - Deve existir uma multiplicidade de princípios unificadores heterogêneos e inconexos (é como se dissessem: podem existir vários universos dentro de um universo).

Essas três proposições juntas equivale a dizer: "não sabemos absolutamente nada a respeito". A compreensão ou, vamos dizer, a aquisição do *modus operandi* da física quântica, não equivale à sua compreensão, equivale apenas ao seu conhecimento operacional — você sabe como se faz. Portanto, não se pode dizer que é um conhecimento teórico, é um conhecimento de procedimentos. Você sabe produzir um certo efeito (efeito cognitivo, evidentemente), mas ele não equivale a uma efetiva compreensão teórica do que se está fazendo. Isso quer dizer que se a atividade cognitiva humana se reduzisse àquilo o que nós chamamos de ciência, nada faria o menor sentido. Haveria uma série de observações que não são totalmente inconexas — umas são conexas [1:10] com outras dentro de um certo campo cognitivo que não tem nenhuma relação com outro, que não tem nenhuma relação com um terceiro —, quer dizer, há uma série de blocos que são coerentes internamente, mas que não podem ser juntados.

Por isso mesmo a idéia de interdisciplina é uma coisa puramente utópica! A idéia de que você, partindo dos resultados de várias ciências, componha uma supraciência comum, assenta numa outra hipótese que é a seguinte: o conjunto dos campos científicos efetivamente existentes coincidem com a estrutura da realidade no seu todo — o que é absolutamente impossível. E note bem, quando falamos sobre a separação dos campos científicos, vocês não podem imaginar que esses vários recortes, esses vários campos assim definidos, estão apenas separados uns dos outros no espaço, mas que pertencem ao mesmo nível e mesmo âmbito de realidade. Eles não pertencem.

Isso quer dizer que os objetos das várias ciências não são reais no mesmo nível e no mesmo sentido. Então quando alguém fala em partículas subatômicas, não é preciso saber o que é uma partícula subatômica; às vezes nem é preciso saber se ela existe. Basta saber que é uma determinada coisa que não se sabe o que é e faz um certo trajeto. Um físico quântico não tem a menor idéia do que seja o que é um neutrino, ele sabe apenas que é um tipo de partícula. Às vezes você não sabe nem se é uma partícula. Ora, isso significa que a física subatômica pode trabalhar com esses elementos mal definidos porque são descritíveis matematicamente. Mas no caso de outra ciência, como a biologia: ela pode estudar espécies animais hipotéticas definidas por traços incognoscíveis e somente mensuráveis quantitativamente? "Nós temos tantos exemplares de uma raça, de uma espécie animal desconhecida, jamais vista e da qual não sabemos nada, só sabemos o número de exemplares" — é possível isso em biologia? É absolutamente impossível! Não é que física quântica e biologia lidam com objetos diferentes dentro de um mesmo universo. Elas lidam com faixas de realidade que são absolutamente incomensuráveis!

O conjunto dos conhecimentos científicos tomado em si mesmo não faz sentido algum, e as exigências da racionalidade humana não podem se contentar com uma coisa dessa, muito menos podem se contentar com a hipótese de criar uma concepção geral a partir das descobertas das várias ciências. Para criar essa concepção geral seria preciso que você tivesse, por exemplo, sistemas classificatórios da realidade que pudessem descer, digamos, desde um elefante até uma partícula subatômica. Se você não tem os conceitos classificatórios, como é que vai articular os diferentes conhecimentos? Isso é absolutamente impossível! E esses conceitos classificatórios serão retirados de onde? Das próprias ciências? Mesmo que você fosse limitar esse trabalho a sintetizar os resultados das várias ciências, teria de criar uma infinidade de conceitos e critérios que nenhuma delas pode lhe dar! Mais ainda: esses conceitos classificatórios que você iria usar, poderiam ser eles mesmos de natureza científica, isto é, obtidos por método experimental? É claro que não! Porque uma articulação dos conhecimentos existentes pressupõe uma armadura conceptual que se prolongue para além deles e que conceba conhecimentos meramente possíveis, de entidades meramente possíveis, senão você não tem onde colocá-los. Isso é a mesma coisa que dizer: "O que vocês estão querendo é uma metafísica!"

Bem, acontece que a metafísica é, também, uma criação humana — são seres humanos que a estão criando. E qual é exatamente a relação que existe entre esta metafísica (vamos supor metafísica como armadura geral de todos os conhecimentos possíveis) e a criatura humana que a criou? Se você não sabe essa relação, então esta metafísica está pairando no ar e está funcionando como uma espécie de fantasmagoria que você criou e na qual você mesmo entrou depois. Você inventou um sonho e está tratando a si mesmo como se fosse personagem do sonho. Se você não estiver muito consciente de qual é a relação entre esta metafísica criada a partir da articulação dos vários conhecimentos científicos — como uma armadura conceptual geral que não foi tirada das ciências, mas foi inventada fora e costurou as várias ciências com ela — e as individualidades humanas que a criaram (dentro de um contexto cultural específico, etc.), então você entrou na paralaxe cognitiva elevada a

“N”. Você está tratando aquele conjunto que você mesmo inventou como se ele existisse de *per si* e não como uma invenção sua. Então, mesmo a metafísica total, quer dizer, a síntese da ciência e o interdisciplinar, já é utópica. A metafísica científica abrangente é mais utópica ainda e o levaria a um estado de alienação completo! Seria uma estrutura muito grande que você mesmo inventou e vai ter de se colocar dentro de algum modo. Ou seja, se não houver a possibilidade de conceber toda essa metafísica, não pelo conteúdo objetivo que ela afirma, mas como uma criação mental e cultural humana, então você estará alienado em relação a ela. Seria preciso também explicar como foi possível que em certa época da história, em certo lugar, em tais ou quais condições culturais etc., se conseguiu criar esta suposta metafísica geral. E a explicação disso não estaria abrangida na mesma metafísica; seria um outro conhecimento que não poderia ser incoerente com ela, mas que ela mesma não poderia dar.

E por fim existe o problema da responsabilidade pessoal de quem criou isso. Por exemplo, nós poderíamos dizer: "O sujeito aqui conseguiu criar a metafísica geral da ciência, portanto ele conseguiu o conhecimento universal, absoluto, inquestionável, que explica o conjunto; ele é o sujeito que sabe tudo!" Mas se ele é o sujeito que sabe tudo, ele produz um discurso que se torna obrigatório para todos os seres humanos. Se ele chegou na certeza absoluta, então quem pode dizer que ele está errado? O indivíduo que criou a metafísica absoluta será a fonte de toda a [1:20] autoridade, de todo o poder, necessariamente. Se ele diz: "Criei a metafísica absoluta, expliquei tudo, mas só aceita quem quiser, qualquer Zé Mané está autorizado a negar este conjunto", isso não faz o menor sentido! Você estará negando que a ciência tenha qualquer autoridade social. E o que seria uma ciência sem nenhuma autoridade social? É aquela na qual ninguém é obrigado a acreditar. Mas se ninguém é obrigado a acreditar na ciência, ela é impossível de ser ensinada! Todo o aprendizado de ciência supõe a aceitação de uma certa autoridade; sem isso não é possível. Por exemplo: nenhuma ciência pode, a qualquer momento, colocar em dúvida todo o conjunto das suas proposições. E nenhuma ciência tem, em momento algum, a condição de provar todas as suas proposições. Então você depende de um consenso científico: os especialistas da área já estudaram tais ou quais coisas e já provaram tais ou quais coisas, e não é preciso voltar lá e provar tudo de novo! Sem a confiança no consenso dos estudiosos não seria possível nem o ensino científico, nem a pesquisa científica. Portanto, a hipótese de uma ciência universal dotada de autoridade completa implicaria que ela fosse a origem de toda a autoridade na sociedade. E a hipótese de uma ciência totalmente desprovida de qualquer autoridade, tornaria inviável a prática e o ensino desta. Então nós temos aqui um abacaxi, não é? Nós inventamos aqui uma ciência universal absoluta, que tem um conhecimento absolutamente incontestável sobre todas as coisas, e vemos que nem isso resolveu o nosso problema, porque esta hipótese nos leva a duas absurdidades opostas: a da autoridade universal e a da completa falta de autoridade.

Neste momento, nós estamos colocando questões que são básicas para a própria investigação científica e que transcendem infinitamente a capacidade não só de cada ciência em particular, mas do conjunto delas. Este tipo de investigação exige uma articulação entre o que nós chamamos de

conhecimento, o conjunto de proposições que foram aceitas como verdadeiras, e um negócio chamado consciência, que é um ser humano que está fazendo tudo isso. O estudo dessa articulação e o aperfeiçoamento da consciência clara dela é a proposta da filosofia.

Deu para entender? Então vamos fazer um intervalo.

Bem, vamos responder algumas perguntas e talvez algumas delas dêem a ocasião de complementar as explicações que foram dadas na primeira parte. Eu acho que é o caso desta próxima pergunta. A pergunta é muito comprida, então eu vou arbitrariamente dividi-la e responder só a primeira metade.

Aluno: Quando você diz que não existe um princípio que unifica, no caso de um computador, as propriedades do plástico, do circuito integrado, da lógica binária, isso me soa estranho por dois motivos: (a) os circuitos integrados são concebidos de forma a representar as operações binárias que idealizam o funcionamento do computador; (b) o material plástico não faz parte da entidade computador, é um acidente. A entidade computador é um processador, e esse pode ser feito com outros materiais – existem esquemas processadores que não usam princípios eletrônicos, que não funcionam a partir de circuitos integrados, mas uma técnica chamada de fotônica (que por algum motivo é economicamente inviável), mas existem protótipos que funcionam.

Olavo: Aqui o que está acontecendo é o seguinte: você está confundindo o que é o computador e o que é a idéia ou conceito de computador. O conceito de computador em si não abrange nenhum material, mesmo porque você diz assim: "o circuito integrado é concebido de forma a representar as operações binárias". Mas o circuito integrado não é feito de operações binárias. Ele implica o uso de vários materiais — metálicos, por exemplo — cujos princípios não se reduzem às operações binárias. Existe algum princípio que possa explicar ao mesmo tempo a lógica binária e a metalurgia? É claro que não, então pouco importa... O circuito integrado tem de se compor de algum material, ele não é as operações binárias! Estas são meras ações mentais que um ser humano pode fazer mas, para representá-las materialmente, é preciso um material. Caso contrário você não teria a técnica, teria apenas o conceito de um objeto possível. E exatamente o que caracteriza a técnica é que ela jamais se contenta com o conceito, mas ela é a realização deste. O conceito em si é apenas uma idéia e, neste sentido, a mera descoberta de uma possibilidade teórica é ciência, não é técnica! A técnica é a produção de um fato concreto e esse fato concreto terá, necessariamente, que juntar vários elementos accidentais para poder produzir materialmente a idéia essencial visada de início.

Você diz que o plástico não faz parte do computador, é apenas um acidente. O computador se compõe de acidentes, ele não se compõe só de uma essência! Isso é apenas a idéia de computador que remeteria, em última análise, à idéia do cálculo binário. O cálculo binário, pode ser representado por risquinhos num papel, por pedrinhas, por qualquer coisa. Só que com rabiscos num papel e pedrinhas você não consegue fazer este equipamento. Então não faz sentido dizer que "isso não faz parte do computador porque é accidental". Todo e

qualquer equipamento se serve da articulação accidental de processos causais que, por si mesmos, podem ser até accidentais eles mesmos. Se você extrair os acidentes sobra somente o conceito, a idéia. E isso aí não é tecnologia, jamais. O cálculo binário é conhecido desde a China dinástica, e por que não inventaram antes o computador? Faltavam os elementos accidentais. Faltava conseguir articular os acidentes de modo a poder imitar aquele cálculo materialmente. E é exatamente nisso que consiste a técnica. O cálculo binário, em si, não é técnica. Aí está havendo uma confusão entre o conceito e a coisa, e também entre ciência e tecnologia: toda a técnica visa a produzir algum processo real concreto. Não precisa ser necessariamente material, mas tem de ser concreto.

Aulas atrás eu disse o que é um fato concreto: é um acontecimento no qual a essência que o define vem associada, necessariamente, a uma multidão de acidentes. É isto o que eu chamo de acidente metafisicamente necessário: o acidente sem o qual aquele fato não poderia ocorrer, embora o acidente não tenha vinculação essencial com o acontecimento. A técnica sempre lida com o fato concreto, não com a mera idéia, o mero conceito. Portanto, o computador não é apenas a idéia de computador, ele é uma máquina, um equipamento. E para construir esse equipamento é necessário utilizar diferentes linhas causais absolutamente inconexas. Por exemplo: o fato de que o cálculo binário possa ser representado pela circulação de impulsos magnéticos no metal, uma coisa não tem nada a ver com outra. Uma [a circulação de impulsos magnéticos] está apenas representando a outra [o cálculo binário]. Outro exemplo: as propriedades do alfabeto — de poder representar-se juntando letras, formando-se certos sons, e isso remeter a certas idéias que, por sua vez, remetem a certos objetos —, não têm absolutamente nada a ver com as propriedades físico-químicas [1:30] do lápis e da tela ou da lousa em cima da qual você representa; não é possível encontrar uma explicação comum, um princípio comum aos dois. Então, tanto faz sinais serem representados por riscos numa pedra ou pela circulação de impulsos magnéticos num metal, dá na mesma. É como se você dissesse que não há relação intrínseca entre o software e o hardware, apenas há relação de representação (como a representação dos sons por sinais convencionais escritos). É justamente esta impossibilidade de remeter o conjunto a uma explicação única, que marca a diferença da técnica e da ciência. Aqui, os exemplos que você deu não constituem exceções de maneira alguma, ao contrário, constituem ilustrações para o que estou dizendo. Espero que agora tenha ficado claro, se ainda não ficou, você insista no assunto que a gente vai até o fim e eu lhe demonstro isto sem a menor possibilidade de dúvida.

O que você escreve em seguida, já mostra exatamente isto,

Aluno: (...) A filosofia de Aristóteles não compõe uma unidade com as propriedades da tinta e do papel e por isso não pode ser fundamentada em princípios.

Olavo: Não há princípios comuns entre a filosofia de Aristóteles e a sua edição em papel, porque o livro é o produto técnico e aquela filosofia é outra coisa completamente diferente. Não se pode dizer que a filosofia de Aristóteles não é

fundamentada em princípios porque ela não pode ser impressa em papel mediante seus próprios princípios; isto é, a filosofia de Aristóteles é uma coisa e a técnica de impressão é outra, e não há de fato princípios comuns entre um e outro. Isso não quer dizer que a filosofia de Aristóteles seja fundamentada em princípios; a sua impressão em livros não é fundamentada em princípios que a fundamentam — e isso me parece uma coisa óbvia, porque senão todo impressor, todo trabalhador gráfico, teria de ser um filósofo.

A técnica de redigir já não é filosofia, é algo diferente. Por exemplo, os princípios da estilística e da retórica não coincidem com os princípios de filosofia de Aristóteles; esta pode investigá-los, é claro, como pode investigar até mesmo a impressão, mas jamais poderá explicar a indústria gráfica pelo mesmo princípio que ela explica a si mesmo. Então aqui está havendo de fato uma confusão, uma confusão possível, mas de maneira alguma o computador não constitui exceção a esta diferenciação que eu falei. E o que você diz mais adiante sobre a máquina de Turing não tem nada a ver com a história, porque tudo isto são concepções abstratas. Tudo que você está falando aqui sobre a máquina de Turing é sobre a teoria que a fundamenta; mas a teoria que a fundamenta é uma coisa e a técnica de construí-la materialmente é outra completamente diferente, e não tem como reduzir uma coisa a outra. Qualquer máquina é assim, qualquer equipamento ou processo são assim.

A retórica é uma técnica (a técnica da persuasão) que tem a ideia da qual eu desejo persuadir as pessoas. Por exemplo, eu desejo persuadir as pessoas de que eu sou um santo. Existe algum modo de você explicar a minha santidade ou maldade pelos mesmos princípios que fundamentam a técnica retórica? De jeito nenhum. Então você vai juntar duas coisas que não tem nada a ver uma com a outra, e isso mesmo que é a técnica. Outro exemplo, a técnica da publicidade tem algo a ver com o modo de produção dos objetos que ela anuncia? Aqui nós temos a mecânica de automóveis, aqui temos a arte publicitária que vai anunciar estes automóveis, e nós vamos reduzir um e outro a princípios comuns — não dá para fazer isto. Você está lidando com campos ontológicos especificamente distintos, que só tem em comum entre si o fato de estarem dentro da realidade. Aí nós temos de lembrar aquilo que dizia Edmund Husserl: *“Não existe uma biologia dos triângulos, e não existe uma trigonometria dos leões”*; quer dizer, são campos que estão absolutamente separados — você só pode conectá-los na realidade, e não na teoria. Ora, conectar as coisas na realidade é o que nós chamamos de técnica; conectá-las na teoria, ou seja, reduzir fenômenos a um princípio comum é o que nós chamamos de ciência. Então são operações exatamente opostas.

Agora, quando você diz que o material do qual se compõe o computador é apenas um acidente, se você remover todos os acidentes sobra apenas a ideia de computador, a essência do computador. Mas acontece que a essência não é um produto tecnológico; não existe uma fábrica de essências de computadores, existe? Então não confunda a técnica real com a mera ideia — quanto a esta última você está na mera concepção, está na ciência. Por exemplo, você pode reduzir uma infinidade de cálculos diferentes ao código binário, se não fizesse isso não poderia ter o computador. Você reduz não só uma série de cálculos diferentes, bem como reduz uma série de procedimentos

cognitivos diferentes a um código binário. O que é isso? É técnica? Não, é ciência. Ciência é a redução de uma variedade de fenômenos a um princípio comum unificador, é sempre assim. O resultado final de uma ciência é uma proposição ou uma teoria, um conjunto de proposições. O que será a lógica binária? Um conjunto de proposições. Então, não confunda computador com essência de computador. Espero que tenha ficado claro. Mas é uma observação muito boa, este assunto teria de ser levantado mais dia menos dia.

Veja, Ernst Cassirer dizia que *“a razão é a faculdade de unir e separar”* — o que está junto e o que não está; e como está junto, qual é a modalidade da junção, qual é a modalidade da separação. Lembre sempre essa coisa do Husserl. Mais tarde nós vamos ler aqui pelo menos alguns capítulos das *Investigações lógicas* de Edmund Husserl, e vamos ver exatamente esta questão da articulação e separação dos vários campos ontológicos. Então isto aqui ficará claríssimo, para nunca mais ter dúvida.

Vamos tentar ver primeiro o que está mais próximo aqui, uma pergunta mais pertinente a esta aula, e não a aulas anteriores. Todas as perguntas são de aulas anteriores.

[01:40] Aluno: *A abolição do uso das palavras “pai” e “mãe” nas escolas da Califórnia é como na escola de Platão, em que as crianças seriam entregues para serem cuidadas e educadas pela coletividade, para que não existisse os laços emocionais familiares, e pudesse distinguir na vida por seus próprios talentos?*

Olavo: Em primeiro lugar, *A República* de Platão não é uma proposta nem uma utopia, ela é uma especulação hipotética. Sem saber isso você jamais entenderá Platão, mesmo porque o livro inteiro está perpassado de ironia, ele está construindo esta utopia e, ao mesmo tempo, não a está levando muito a sério. A proposta é como seria se fôssemos conceber um governo ideal. E a conclusão é a seguinte: mesmo que você fizesse tudo isto e tivesse um governo ideal, a coisa no fim acabaria, destruiria-se a si mesmo. A ideia de que *A República* de Platão é uma utopia é um erro monstruoso, alimentado por filósofo de quinta categoria como Karl Popper.

Platão, quando escreveu *A República*, já tinha experiência política suficiente para saber que essas coisas não funcionam. No caso desta ideia da abolição das palavras “pai” e “mãe” nas escolas da Califórnia, os camaradas estão tentando, efetivamente, realizar uma concepção utópica tal como eles a conceberam. E nesta concepção utópica não existem relações de família, existe apenas a cidadania. O que é a cidadania? É um conjunto de átomos humanos totalmente separados, somente articulados pelo Estado; isto quer dizer que todas as relações intermediárias e, portanto, todas as entidades e autoridades intermediárias são ou abolidas ou reestruturadas para se integrar no Estado. Hoje em dia, em qualquer sociedade conhecida, o sujeito pertence a vários grupos diferentes, ele se conecta com os seres humanos em várias circunstâncias diferentes e por vários elos diferentes, que implicam diferentes obediências a diferentes critérios. Por exemplo, você pode pertencer a uma Igreja e a um Clube: a autoridade da Igreja não vale no Clube, e a do Clube não

vale na Igreja. Você pode também pertencer ao sindicato, a um partido político, assim como pertence a uma família e também a um grupo de amigos. Esse conjunto de lealdades diferentes constitui uma série de amortecedores entre você e a autoridade do Estado. Agora, se o Estado quiser organizar todos esses grupos de modo que passem a servi-lo, ele praticamente eliminou a autonomia deles, que terão de funcionar de uma maneira coerente. É mesma coisa que dizer que todos os laços humanos ou são abolidos ou são integrados no Estado. Esse, portanto, passa a ser o único fator unificador de toda a sociedade. Isso é impossível, é tão contraditório com a natureza humana que esta proposta não pode ser realizada inteiramente, mas ela pode, no caminho, deformar os seres humanos de tal modo que eles não consigam se rearticular de outra maneira. Eles ficam sem a organização antiga e sem a nova, que é exatamente o que aconteceu na União Soviética.

Durante a organização czarista, eles desmantelaram aquilo para criar uma sociedade onde tudo seria controlado pelo Estado. O que aconteceu? A primeira coisa é que muitas organizações e atividades deixaram completamente de ser controladas pelo Estado e se tornaram atividades clandestinas. Por exemplo, o capitalismo clandestino constituía a metade da economia soviética. O mesmo governo que se propunha a controlar toda a economia controlava, na verdade, até menos que o governo czarista controlava, porque ele nem sabia o que estava se passando. Tanto que, até hoje, as estatísticas da economia soviética, não é que elas são falsificadas, elas são totalmente inventadas.

Na União Soviética era impossível saber o que estava acontecendo na economia. Por quê? A economia totalmente estatizada é uma impossibilidade por si mesma, como demonstrou von Mises. Entender von Mises é muito simples: para planejar a economia é preciso ter o cálculo de preço; se não tem mercado não se sabe qual é o preço, e é impossível uma equipe inventar o preço de tudo que existe. Resultado, se quer controlar a economia inteira não há mais cálculo de preço, portanto, não há controle de preço, logo, não há controle de nada. Foi exatamente o que aconteceu na União Soviética: o Estado controlava uma parte e o resto ficava totalmente anárquico. Aqueles que dizem que “nós precisamos do socialismo para nos livrar da anarquia do mercado” não sabem o que estão falando, porque em uma sociedade socialista o mercado fica mais anárquico ainda. Pior, o governo soviético tinha de tolerar este capitalismo clandestino, porque sem ele todo mundo morreria de fome. Como o capitalismo era clandestino, ele era totalmente caótico e fora da lei, então valia tudo: roubo, propina, falsificação etc. O caso é que quanto mais se controlar, mais caótico fica.

Uma sociedade na qual todas as escalas intermediárias são abolidas vai criar uma infinidade de escalas intermediárias incontornáveis. Sociedades secretas e associações clandestinas só vão proliferar dentro dessa sociedade. Não proliferam agora por quê? Porque esta é uma medida experimental usada apenas para um setor da sociedade em particular; que dizer, o restante das associações intermediárias e a ação destas fora do ambiente chamado “escola” continuam funcionando. Propostas como estas — e hoje em dia há muitas — obedecem a uma lógica muito peculiar que se destina a produzir

certos resultados no conjunto, que não têm nada a ver com a natureza da proposta tal como ela se expõe inicialmente.

Eu vou lhes dar um exemplo que é um pouco marginal em relação a isso, mas que vai esclarecer esse processo muitíssimo bem. Os camaradas do movimento gay querem impor algo chamado “identidade gay”, como se fosse um direito sacrossanto, cuja violação deve ser reprimida e punida. A justificativa que se oferece é que ninguém deve ser discriminado em função de sua preferência sexual, é o que se diz nos discursos. Discriminar ou humilhar as pessoas por suas “preferências sexuais” é uma maldade, uma brutalidade, não se deve fazer isso. Apresentada assim, a proposta é auto-probatória, ninguém será contra ela — só se for algum maluco, mais maluco que um pertencente ao movimento gay. Acontece que o que está sendo tornado obrigatório e proibido é um conjunto de símbolos, e não de condutas humanas reais e identificáveis. Vocês podem dizer que não se pode discriminar preferências sexuais. Mas preferências sexuais, enquanto tais, nunca foram discriminadas e não podem ser discriminadas. Por quê? Porque estas preferências são desejos que estão na mente do sujeito e que o observador de fora não sabe. Também não dá para eu discriminar o mero ato pessoal de tentar satisfazer estas preferências, porque este é um ato privado que o observador de fora não tem acesso. Se está garantida a privacidade da vida do sujeito, não tem como saber o que ele está fazendo para satisfazer as suas preferências sexuais. Então, o que que é efetivamente discriminado e que pode ser **[01:50]** concretamente discriminado? Não são as preferências e não é o ato sexual destinado a satisfazê-lo. O que pode ser discriminado é a expressão externa de uma identidade baseada nestas preferências. Por exemplo, se um homem gesticula e fala como mulher. Isso pode ser discriminado, por quê? Porque todo mundo está vendo, então dá para discriminar. Outra coisa que pode ser discriminada é a expressão direta e pública do desejo: o sujeito fica toda hora falando o que ele gosta sexualmente, o que ele quer; ele não pode ver uma pessoa sem fazer um comentário erótico etc.. Isso pode ser discriminado, e de fato é, pois isso é uma tremenda falta de educação.

Agora, aí vem a sutileza: eles estão falando que o que pode ser descriminado é a expressão visível e pública de uma identidade fundada na preferência sexual. Para fins de raciocínio, vamos dizer que a heterossexualidade é uma preferência — na verdade não é, mas vamos supor que é uma preferência no mesmo nível que é a homossexualidade ou a não-sexualidade (o sujeito que não quer ter vida sexual). Qual é a expressão visível da identidade heterossexual? É a mera distinção corrente entre homens e mulheres. A identidade heterossexual coincide com a identidade anátomo-fisiológica do sexo respectivo, e não com o desejo. Quer dizer que quando um indivíduo do sexo masculino se comporta de maneira masculina, ele não está exibindo suas preferências sexuais, mas a forma corporal que ele tem (ele tem forma corporal de homem, comporta-se como homem; a mulher tem forma corporal de mulher, comporta-se como mulher). As mulheres, por exemplo, andam rebolando porque têm o quadril mais largo e mais pesado que o do homem; o centro de gravidade dela está mais baixo, então é normal que rebolem. Para o homem rebolar ele tem de fazer alguma força, a mulher não. Nem toda mulher é obrigada a rebolar, mas a tendência natural é que isso aconteça. Do mesmo

modo, a gesticulação feminina com os braços tende a ser um pouco mais defensiva e recatada, porque na frente dela não tem uma “coraça” como o homem. O homem mostra o peito quando vai brigar. O peito da mulher, ao contrário, não é para ser exibido numa briga, mas para ser escondido — os seios são frágeis, fáceis de machucar, sendo a tendência da mulher defender-se. São diferenças naturais, e a identidade hetero se manifesta através da simples expressão física da identidade corporal sexuada — não sexual, mas sexuada —, separada, a do homem e a da mulher.

Se a pessoa hetero, além de expressar sua identidade sexual através da simples manifestação dos caracteres diferenciais do seu sexo, começar a enfatizar o desejo erótico correspondente, ela é considerada uma pessoa muito mal educada; não é normal fazer isso, o sujeito é um cafajeste. O homem manifesta a sua virilidade através de uma série de gestos simbólicos que coincidem perfeitamente com a definição do seu corpo como corpo masculino, e é somente isso, sem referência ao erotismo correspondente. Se houver muita referência ao erotismo correspondente, o sujeito se torna desagradável e não é aceito mais no ambiente. Imagine um escritório onde não pode passar uma mulher que o sujeito pensa (e fala) coisas obscenas. Quem aguenta um cara desses? Do mesmo modo, até a expressão da sua virilidade anátomo-fisiológica tem de ser recatada, ele não pode ficar exibindo seus músculos toda hora... Se fizer isso ele será rejeitado socialmente. Assim também a mulher: rebolar um pouquinho todas rebolam, mas se começarem a exagerar, todo mundo já sabe que é uma provocação, e em um ambiente “socialmente limpo” ninguém vai fazer essas coisas. Se começar a fazer você entende que aquela pessoa é desagradável.

E a identidade gay? Não existe um formato corporal correspondente a gay; gay não é uma estrutura anátomo-fisiológica, mas uma preferência, um desejo sexual. Então, a expressão da identidade gay é feita através da manifestação ostensiva e pública do desejo e, portanto, há ali uma expressão hiperbólica o tempo todo. Do heterossexual exige-se normalmente o recato e a decência na convivência social; do gay não poderá se exigir porque isso será considerado discriminação. Se um heterossexual fizer tantas piadinhas e insinuações eróticas quanto um gay faz em um dia, ele perderá o emprego, será rejeitado pela família e todo mundo vai considerá-lo um chato. Se for um gay você tem de aceitar, porque para ele não basta só expressar a identidade sexuada, ele tem de manifestar a identidade erótica — gay não é identidade sexuada, é identidade erótica apenas. Então ele vai estar expondo o erotismo o tempo todo. Com isso, o que acontece? Ele elimina a decência do seu meio. Há duas chances: a) ou as pessoas discriminam aquela conduta (dizem para ele parar com aquilo); b) ou elas acabam entrando nesta conduta e os heteros começam a manifestar o seu erotismo também.

Em segundo lugar, pode ser que haja algumas expressões homossexuais que são discretas e que coincidem com a identidade sexuada (um sujeito macho que quer transar com outro macho), e que, olhando para o sujeito, você jamais diria que ele é gay — tem este tipo. Porém, para ele ser assim, ele sabe que será aceito socialmente não como gay, mas apenas como homem. E isso o movimento homossexual já não quer. Então, mesmo sendo “o macho” ele terá

de fazer referências constantes ao seu erotismo para poder manifestar que além de macho ele é um gay-macho.

Há um segundo caso, onde existem elementos efeminantes. Acontece que toda conduta efeminante é imitativa; por exemplo, o negócio do rebolar supracitado. O sujeito vai rebolar não porque a estrutura anatômica dele exige isso, ela exige o contrário (exige que ele ande reto), mas ele forçará para rebolar. Outra coisa, a voz masculina é necessariamente muito mais grave que a feminina, e é muito difícil mudar isso, mesmo com operações. Transsexuais, depois de fazerem operação e cortar o seu órgão sexual, ainda falta um último detalhe: a voz. E dá um trabalho miserável, tem de fazer cursinho etc. Se aparece um sujeito com aparência de homem e falando com uma voz de mulher, há nisso um elemento teatral e não uma expressão natural das tensões corporais [2:00] inerentes ao seu formato.

Um elemento essencial da convivência humana é a distinção entre o que é a conduta direta, espontânea e sincera, e o que é teatro e fingimento. Se a conduta teatral e fingida tem de ser aceita como normal, todos os sinais — históricos, sociológicos, convencionais — de sinceridade e fingimento foram apagados. Isso basta não só para criar o caos, mas para que a inteligência das pessoas, na convivência, baixe muito. Ora, você vai dizer que o sujeito que inventou este negócio de identidade gay não sabia de tudo isto? Sabia, porque é exatamente esse o seu objetivo. Se as pessoas perdem, por um lado, o senso da decência — elas já não sabem como têm de se comportar em público —, e, por outro lado, perdem a capacidade de captar o que é teatro e o que é sincero e espontâneo, toda convivência humana vira um caos e é necessária uma autoridade reguladora para colocar ordem nela. Isso é a consequência inevitável dos direitos dos gays. Em uma situação normal, qual é o único direito que o gay teria? Ele teria o direito de ter a sua preferência sexual, e a buscar a sua satisfação dela — discretamente, como os heterossexuais são obrigados a buscar. E fora disso não haveria identidade gay, como, de fato, não há. Há apenas um gosto, uma preferência, uma fantasia, um erotismo gay.

Então, como um princípio geral: ninguém tem o direito de expor na sociedade uma identidade pessoal baseada no erotismo. Se os gays têm, os heterossexuais também têm, e daí acabou a decência, de um modo geral. Não há mais recato, não há mais decência; viveremos em uma permanente promiscuidade, pelo menos verbal, que é exatamente o que já acontece. E, em segundo lugar, todas as relações humanas destruídas pela anulação dos códigos de espontaneidade, sinceridade e fingimento. Esse negócio dos direitos dos gays é um crime monstruoso, é a destruição da própria possibilidade da convivência humana saudável. Isso vai melhorar a vida dos gays? É claro que vai piorar tremendamente a vida deles, como vai piorar a dos outros.

Se é aceita uma identidade pessoal, em público, baseada no erotismo, então por que só em uma forma de erotismo? Por que não em outras? Por que não o sadomasoquismo, por exemplo? Ou a pedofilia? Tanto que a passagem do movimento gay para a pedofilia é um passo. Todos os teóricos do movimento gay já estão defendendo a pedofilia; era inevitável que isso acontecesse.

Quando começou eu disse que isto iria acontecer. Todo mundo achou que eu estava exagerando, agora já está acontecendo. E da pedofilia vai passar para outras coisas. Ou seja, isso visa a complicar de tal modo as relações humanas, que todas elas tenham de ser regulamentadas por lei. E, portanto, pelo Estado. É esse o objetivo. Essa coisa de casais gays que querem adotar crianças na Califórnia é exatamente a mesma coisa. Esses experimentos somente não chegam a desencadear a sua consequência total porque as concessões que se faz a esses movimentos são sempre parciais, temporais e geralmente fracassam. Mas se a coisa for imposta na sua totalidade, o que vai acontecer é exatamente o que eu estou dizendo.

A proposta em si tem pouco ou nada a ver com erotismo, com satisfação gay ou com qualquer coisa. Ela tem que ver com aquele processo que o Miguel Reale chamava de “jurisfação” da sociedade: a lei acaba abrangendo todas as relações humanas, e não há relações humanas fora daquilo que o Estado determina como lei. Isto é uma monstruosidade. E isso, evidentemente, já está acontecendo, mas não na sua totalidade — porque a totalidade é impossível. Exatamente como a economia comunista é impossível: não se consegue construir a economia comunista, mas é possível tornar o capitalismo um caos. Quando caiu o governo comunista, o que sobrou? Sobraram as máfias, o banditismo. Quando o movimento gay for esquecido, depois de conseguir impor direitos aqui e ali e criar um “forrobodó” desgraçado, o padrão da convivência humana terá sido abolido e todo mundo precisará de uma regulação racional, organizada, hierárquica, sem a qual não saberão o que fazer. E nisso a inteligência humana vai baixar formidavelmente.

No Brasil vocês podem observar isto. A decência é uma espécie de código espontâneo, não é o Estado que a impõe. As condutas que a lei criminaliza são poucas, e vai puni-las se passarem de um certo limite. Por exemplo, qual é o limite para se fazer brincadeiras e piadinhas eróticas entre seus colegas de trabalho? A lei não fixa esse limite. É uma coisa que você tem de saber por si mesmo. E se o limite desaparece? Então é preciso um regulamento. Quando se elimina os códigos de decência, mais e mais aspectos da vida humana vão sendo passados para a esfera legal e estatal. E isso é uma conquista da liberdade? Faz-me rir!

Essa é a dialética que está por traz desta coisa. Os estudos a esse respeito começaram com Platão. Ler *A República*, de Platão, é a maneira de especular sobre como funcionaria uma sociedade totalmente regulamentada, que incorporasse “o bem”. Na própria descrição há aspectos repugnantes, e no fim Platão chega à conclusão de que aquela sociedade não pode durar. Mas se não pode durar, como é que vai ser uma sociedade perfeita?

Eu espero que tenha dado para entender. Este assunto pode ser objeto de uma outra aula, mais técnica e mais detalhada, quando passarmos para a filosofia política, talvez no último ano deste curso.

Aluno: Quais são os três melhores livros do escritor José Geraldo Vieira?

Olavo: Eu só não li três livros do José Geraldo Vieira. Não li os dois últimos romances que ele escreveu: um deles se chama *A Mais que Branca*, que eu o comprei no Brasil e perdi, e o outro se chama *Paralelo 16: Brasília*. E também não li um outro dele, que não é romance, chamado *Carta a Minha Filha em Prantos*. Tirando esses, eu li todos os outros, e não sei qual é o melhor porque são todos formidavelmente bons! Eu posso dizer aqueles que me tocaram mais, que me impressionaram mais, mas eu não seria capaz de fazer uma hierarquia. Gosto demais de um livro chamado *A Ladeira da Memória* — há uma outra pergunta sobre a ladeira da memória, então não vou falar nada sobre o livro agora. Gosto também de um livro chamado *A Quadragésima Porta*, no qual os personagens perpassam todos os grandes acontecimentos da história do mundo desde a Guerra de 14 até a Segunda Guerra. Gosto muito de um outro chamado *A Túnica e os Dados*, pela sua imensa força poética e fantástica. É a história de um garoto que foge de casa — o garoto se chama Jaiminho. Ele mora no interior e deixa um recado para a mãe: “mãe, fui para a cidade. Eu sinto em mim o borbulhar do gênio!” E daí o Jaiminho vai para a cidade. Solto no Rio de Janeiro ele conhece um marinheiro americano e um bêbado; e saem ali os três, aquela trinca mais inconcebível do mundo [2:10], pela cidade. Aquilo é de uma força poética fantástica.

Quanto à *Ladeira da Memória*, ela é referida aqui em outra pergunta.

Aluno: Além da prosa poética elevada, de um domínio suis generis do vocabulário da língua portuguesa, da profundidade da experiência humana que narra, a grandeza enorme de José Geraldo não advém também da sua capacidade de criar símbolos que nos permitem uma infinidade de interpretações?(...)

Olavo: Sem sombra de dúvida.

Aluno: (...)Penso, por exemplo, em A Mulher que Fugiu de Sodoma — uma referência bíblica que, na obra, é também um quadro de Rubens e a situação concreta dos dois personagens centrais, em mais de um plano.(...)Os símbolos das várias camadas são também a chave d'A Ladeira da Memória, que é uma rua, é uma casa, são dois momentos definidores da vida do tio Jorge (que é um personagem), assim como a própria caminhada que o personagem faz ao longo da obra.

Olavo: *Ladeira da Memória* é tudo isso. Há um lugar em São Paulo chamado *Ladeira da Memória*, onde há um chafariz, um muro e casas no fundo; aquelas casas, hoje, são prédios, mas havia uma série de casarões. Nesta série de casarões havia um pardieiro, que esse tio Jorge, um sujeito milionário, descobre que era dele. Ao entrar lá ele fica horrorizado, vê aquele montão de gente acumulada ali como num galinheiro, em uma miséria desgraçada.

A “*Ladeira da Memória*” também é percorrida em dois sentidos. Em um deles você vai para baixo: você está penetrando em sua memória ancestral e nas próprias condições histórico-sociais que determinaram a sua vida — o que é exatamente o que o tio Jorge faz ao entrar nesse pardieiro. Ele o havia recebido de um antepassado, ele nem sabia que aquilo era dele; ele descobre

algo do seu passado. Na hora em que descobre essa coisa ruim do seu passado, o que ele faz? Ele decide dar uma festa naquele lugar e distribuir para aquelas pessoas milhares de produtos que ele, ao longo de uma longa vida de milionário, havia comprado e com os quais não tinha nada que fazer. Era vinho, lata de patê, açúcar, milhões de coisas. Ele faz a lista dos “fulanos” e vai distribuindo; e o José Geraldo faz um poema em prosa com as marcas dos produtos. Eu nunca vi conhecer tanta marca de coisa!

Há o retorno da “Ladeira”: o sujeito descobrindo algo do seu passado e tentando restaurar um pouco com o outro dado da memória que é tudo aquilo que ele tinha acumulado de tralha ao longo dos anos, apenas por uma satisfação burguesa. No fim do livro, um outro personagem, que é o sobrinho dele, está muito abatido; e ele diz ao sobrinho que este tem de subir a “Ladeira da memória”. Aí a “Ladeira da memória” se torna a busca de arquétipos, de valores superiores etc. Portanto, o símbolo é explorado de mil ângulos diferentes, em muitos níveis, o que faz desse romance um poema, evidentemente. E aqui o aluno observa que, por exemplo, o Machado faz isso em algumas de suas obras, mas jamais com essa profunda capacidade expressiva, jamais com essa riqueza de mil níveis de interpretação. Isso aí só o José Geraldo sabe fazer na literatura brasileira.

Há muitos outros que também lidam com símbolos como, por exemplo, o João Guimarães Rosa. Mas os símbolos que este usa são todos tirados de livros esotéricos, não são invenções dele. Ele está somente adaptando certos símbolos convencionais do esoterismo e os colocando lá. Não é uma coisa da vida real, como por exemplo essa Ladeira da Memória, que é um lugar que efetivamente existe, que acaba se integrando em um universo platônico, por assim dizer. Isto aí só tem um escritor brasileiro que faz, que é o José Geraldo. E a coisa mais extraordinária é que, mesmo as situações mais extraordinárias, ele as narra como se fossem coisas de cotidiano; sempre com uma linguagem branda, tratando todos os personagens de uma maneira muito humana. Ele tem muito carinho pelos seus personagens, ele não desumaniza ninguém. Mesmo os piores caras ele mostra como se fossem pessoas que nós conhecemos. É uma coisa de uma riqueza assombrosa.

Os três livros que me tocaram mais foram: *A quadragésima Porta*, pela sua amplitude histórica; *A Ladeira da Memória*, precisamente por estas virtudes que o aluno está ressaltando aqui; e *A Túnica e os Dados*, pela sua atmosfera fantástica, absolutamente irreal, de uma poesia fora do comum.

Um aluno pergunta sobre a relação entre as ações de grupos específicos dentro de entidades secretas ou discretas, e o seu desconhecimento pelo público leigo.

Aluno: Como entraria a questão das concepções e das ações da organização Foro de São Paulo na análise que o senhor fez na aula passada a respeito das diferenças existentes entre a prática secreta de cada membro de uma entidade discreta e a apresentação da sua fachada conhecida.

Olavo: De cara, o próprio conceito de segredo: não existe segredo absoluto, o segredo absoluto seria absolutamente desconhecido por todo o mundo. Todo segredo é, por natureza, escalar. Há algumas pessoas que conhecem o segredo inteiro do que elas pretendem fazer. Em volta há um círculo de pessoas que vão servir de agentes para esses, e que conhecem partes do segredo. Os agentes, por sua vez, se ramificam em outros tantos colaboradores e, no fim das contas, apenas um grupo pequeno sabe do que se trata. Por exemplo, a interferência do Foro de São Paulo no plebiscito venezuelano de 2003, que foi revelada pelo Lula em um discurso que ele fez em 2005. Quantas pessoas dentro do Foro de São Paulo sabiam disso? Só uma elite. É uma organização que não se pode dizer que é totalmente secreta; ela foi tornada secreta pelo silêncio criado em torno dela em função da mídia, mas que precisava dessa discrição para poder ir crescendo sem ter de dar satisfações ao público durante algum tempo. O próprio Lula disse: “nós fazíamos as coisas de maneira que ninguém percebesse o que nós estávamos fazendo”. Se ninguém fala do Foro de São Paulo, ninguém sabe o que este está fazendo. Quando o Lula fala “nós”, ele se refere apenas à elite. Agora, se ali dentro havia um grupo de elite, este grupo era ele, o Marco Aurélio Garcia, o Hugo Chávez, o Ricardo Cocho etc. Havia um segredo dentro do segredo. Isso não foi discutido em assembléia, foi um encontro que eles tiveram durante uma das assembléias. Eles chamaram as pessoas em um canto e combinaram de fazer tal ou qual coisa, para facilitar a vitória do Chávez no primeiro plebiscito venezuelano, acho que em 2003. E anos depois, quando o Lula confessa isso num discurso presidencial, há, então, uma terceira camada de segredo: esse discurso não é noticiado em parte alguma. Ele é posto no site da presidência, mas ninguém o noticia. Notem que esse negócio de segredo é uma coisa muito ambígua e muito complicada. Eu acho que, no fim das contas, o que decide tudo dentro dessas organizações secretas, ou discretas, é um grupo muito pequeno de pessoas, que ainda é mais secreto do que a própria organização.

A Maçonaria, por exemplo. Ela não é uma entidade secreta, ela é discreta; quer dizer, ninguém sabe o que eles estão fazendo lá dentro, mas eles têm alguma presença pública. Claro que não podemos atribuir nenhuma [2:20] ação política secreta, de longo prazo, à Maçonaria. Ela não tem secretude o suficiente para fazer isso. Mas dentro dela pode haver. Então é criada uma sociedade secreta dentro da sociedade secreta. Foi o que fizeram, por exemplo, os Iluminati da Baviera, Adam Weisel, que entrou dentro de algumas lojas maçônicas e criou uma sociedade secreta dentro da sociedade secreta. Sobre isso há um livro do John Robison, chamado *Proofs Of A Conspiracy*, que foi apresentado para George Washington. Ele leu aquilo e falou: “espero que isso não esteja acontecendo aqui!”. Mas ele também não sabia se estava acontecendo ou não.

A infinidade de informações que eu tenho sobre isso é tanta que tenho de estudar a coisa por partes e ir fazendo as hipóteses gradativamente, e esperar que elas sejam comprovadas ou impugnadas. A minha hipótese é que, como regra geral, não se pode atribuir nenhuma ação secreta de longo prazo a entidades públicas ou meramente discretas. Dizer que a maçonaria, a Igreja Católica, a Ordem Jesuíta ou que os judeus fizeram tudo é, para mim, maluquice. Essas entidades, pelo seu próprio tamanho, não têm condições de

sustentar uma ação secreta por décadas ou séculos. É uma coisa tão óbvia! Mas nada impede que dentro dali haja círculos cada vez mais discretos e que são os verdadeiros responsáveis pelas ações. Nessas ações são usados como agentes outras pessoas pertencentes à mesma comunidade e que não têm idéia do que está sendo feito.

Se tomarmos, por exemplo, a história da Ordem Jesuíta. Muita coisa ruim foi atribuída falsamente à Ordem Jesuíta desde que ela existe. “Os jesuítas conspiraram para fazer isso, conspiraram para fazer aquilo etc.” Nos anos cinqüenta começa uma conspiração dentro da Ordem Jesuíta, para virá-la de cabeça para baixo e transformá-la num instrumento dos inimigos da Igreja. As pessoas que vêem isso de fora e que vagamente acreditam nas hipóteses conspiratórias jesuíticas, vêem os efeitos dessa coisa e acreditam que isso é uma continuidade da mesma conspiração que os jesuítas fazem há três séculos. Estão completamente errados, é outra coisa completamente diferente. Isso para não falar de entidades mais vastas, como “os judeus”. “Ah! Os judeus fizeram isso, os judeus fizeram aquilo...”. Espera aí, quantos judeus fizeram? Por exemplo, aqui nos Estados Unidos há um banqueiro judeu que deu um monte de dinheiro para o Trotsky fazer a revolução russa. Então lá na Rússia disseram “foram os judeus que fizeram a revolução”. Isso é absolutamente loucura! Um povo inteiro pode fazer uma conspiração? Estão todos loucos. A Igreja Católica, do mesmo modo, e mais ainda. Há quantos milhões de Católicos no mundo? Dois bilhões, ou algo assim. Como é que uma entidade dessas pode fazer uma conspiração? Tome-se a própria estrutura do Vaticano: dentro do Vaticano tem-se o segredo dentro do segredo, dentro de outro segredo e, na verdade, gente que está lá dentro não sabe direito quem é quem. Por exemplo, eu acredito que hoje tem muitos cardeais que foram colocados lá pela KGB nos anos trinta (anos trinta, quarenta, cinqüenta). Como saber quem é quem? E isso é uma conspiração da Igreja Católica ou é uma conspiração dentro da Igreja contra a Igreja? Essas “conspirações” existem assim como existem movimentos históricos enormes que estão de algum modo associados a elas.

Mas eu acho este o assunto histórico mais difícil que existe, e aquele sobre o qual todo mundo tem alguma opinião. Eu recomendo muito cuidado nessas coisas. Muitas vezes é preciso ter muito cuidado com certas fontes que as pessoas gostam. Todo mundo, toda hora, me manda alguma coisa que saiu no Alex Jones; bom, este conta muita coisa importante do que se passa nos Estados Unidos, mas para ele o foco das ações é sempre certos elementos da elite americana, como se só existissem americanos no mundo e ninguém mais fizesse nada. Então, é uma fonte altamente comprometida por causa disso. O que não quer dizer que tal ou qual informação que ele deu não seja viável. Mas a impressão de conjunto que fica é falsa.

Vamos ver outra pergunta aqui.

Aluno: Como cristão e advogado, meu interesse é desenvolver um tema do Estado Laico autêntico garantidor da liberdade religiosa em oposição ao laicismo ateu moderno, além de apontar as perseguições ao cristianismo. Tal preocupação se justifica, pois presenciei a inclinação maciça dos ditos “mestre

do direito” quanto à segunda tese (laicismo ateu moderno), a qual, sem voz discordante, prejudica a qualquer debate sério. Neste sentido descobri duas obras: The Criminalization of Christianity, de Janet Folger; e Persecution, de David Limbaugh. Daí pergunto: são boas obras complementares?

Olavo: Essas obras são absolutamente indispensáveis e, se você quer saber, foi por elas que eu comecei a estudar o assunto há alguns anos — principalmente pelo livro da Janet Folger. Porém, cavando nesse assunto, vamos descobrindo coisas e mais coisas que jamais esperamos encontrar.

É até muito engraçado esses protestantes estarem falando agora de perseguição ao cristianismo; por quê? Nos tempos modernos, depois da revolução francesa, uma das maiores perseguições anticristãs que houve foi feita entre 1926 e 1929, no México, voltada especificamente contra a Igreja Católica. A perseguição lá chegou ao ponto de se proibir o uso de batina, de se proibir o batismo, de se proibir ensinarem preces a crianças; tudo isso com pena de multa e prisão. O governo chegou a fechar todas as igrejas do México, com exceção de duas — fechá-las, tomá-las e entregá-las para serem usadas pelo governo civil. Chegaram a haver combates nos quais morreram centenas de milhares de mexicanos. Foi a chamada Guerra dos Cristeiros — “cristeiro” é uma corruptela do gritar “viva Cristo Rei!”. E as forças do governo enviadas para combatê-los gritavam “viva el demônio!”, assim, explicitamente. A idéia adotada pelo governo mexicano, do presidente Plutarco Calles, era a total extinção da Igreja Católica. E isto foi feito com apoio do governo americano, porque este era protestante. Mais ainda, o assunto foi enterrado, praticamente não há bibliografia a respeito. No ano de 2006, um jornalista francês chamado Hugues Kéraly foi ao México para entrevistar os últimos sobreviventes da Guerra dos Cristeiros. Ele conseguiu entrevistar vários deles, que ainda tinham muitas recordações das coisas, e captar o material original que estava gravado em cadernos pessoais, diários de pessoas (quem introduziu o uso desse material em historiografia foi o Gilberto Freyre), panfletos da época etc. Ele conseguiu reunir uma certa massa de material e escreveu um livro, *A Verdadeira História dos Cristeiros*, que existe apenas em francês, que eu saiba. Isso foi mantido quase que em segredo de 1926 até 2006. Oitenta anos de silêncio, ninguém queria mexer nisso. Por quê? Por causa da culpa dos protestantes americanos. [2:30] Protestantes e maçons, que ajudaram o governo comunista (que era bolchevique e maçom ao mesmo tempo) do México. Não obstante, o México continuou um dos países mais Católicos do mundo. Eu observei isso no México, e o Kéraly confirma, ele passou muito mais tempo no México do que eu. Há até hoje um povo imensamente católico, disposto a matar e morrer pelo catolicismo. E há uma elite intelectual, política e financeira tremendamente anti-católica — é assim até hoje no México.

No México, o pessoal da Teologia da Libertação chegou a ser odiado, os católicos não queriam saber dessa conversa. Ainda em 2006, Kéraly estava viajando a uma determinada região muito católica e na estrada havia um grupo de camponeses montando guarda. Deixaram ele passar, mas vinha vindo atrás um carro, e este outro carro eles não deixaram entrar porque era um bispo da Teologia da Libertação. “Não queremos este cara aqui” . Isso em 2006.

Eu entendo por que foi no México que surgiu esta outra organização, aparentemente tradicionalista, muito correta e muito católica, que são os Legionários de Cristo, chefiados por um núcleo de conspiradores pedófilos, terríveis, que ficaram lá abusando de criancinha durante cinquenta anos. Por quê? Se o sujeito tentar combater a Igreja do México na base da Teologia da Libertação e do esquerdismo, ele não consegue, porque as pessoas ainda têm a memória dos Cristeiros, eles não querem conversa com comunistas. Mas dá para enganá-los pelo outro processo. Eles fazem aquela fachada conservadora e lá dentro está o padre Marcial Maciel, corrompendo tudo e vinculando os garotos pelo juramento de segredo. Teve gente que foi abusado sexualmente pelo Marcial Maciel nos anos sessenta e, vinculado pelo juramento, guardou segredo até agora. Agora, com setenta anos, eles estão contando tudo, porque o Papa quando soube que tinham jurado em segredo — que é proibido pela Igreja Católica — naturalmente os liberou disso e agora eles estão contando a história. Se você quer a história da perseguição não deixe de ler o livro do Hugues Kéraly, *La véritable histoire des Cristeros*. Eu recomendo.

Acho que este assunto é da maior importância porque quando se concebeu a ideia do Estado Laico aqui nos Estados Unidos era a seguinte: o Estado é laico no sentido que ele não toma partido nas disputas entre as várias denominações Cristãs; não havia nenhuma igreja não-cristã na época. Os Estados Unidos foram criados por imigrantes, por fugitivos protestantes que aqui acreditaram encontrar uma atmosfera melhor do que a que tinham na Europa, e a história americana conforme eu mencionei antes é feita de uma expansão, que não é movida só por motivos econômicos mas também por motivo religioso. Se há uma disputa dentro de uma igreja cristã, a parte dissidente sai e forma outra igreja, em outro lugar — o que fez com que as igrejas fossem indo para o Oeste. As igrejas protestantes foram um fator importantíssimo na expansão dos Estados Unidos. Então, o que o governo tinha de fazer foi exatamente o que ele fez, pois dentro do próprio parlamento haviam representantes de várias denominações, uma maioria protestante e alguns poucos católicos — mas todos eram Cristãos. As leis foram inteiramente inspiradas em princípios bíblicos, o que foi bem demonstrado no livro de Benjamin Morris¹ — um livro de mil páginas que não deixa a menor margem à dúvida. Aqueles camaradas eram todos Maçons, mas eram protestantes, eram Cristãos. Eles conseguiram criar uma atmosfera de liberdade religiosa na qual todas estas denominações não só prosperaram mas conseguiram uma coisa que no Brasil nem a Igreja Católica conseguiu, que é integrar os ex-escravos. No Brasil até hoje há muitas religiões Afros etc. Aqui nem se tem mais, todo mundo virou protestante.

A ideia do Estado Laico totalmente alheio aos valores religiosos nunca existiu aqui, e é uma impossibilidade pura e simples. Sempre é possível desprover as palavras da sua carga semântica histórica e usá-la com definição abstrata, e, portanto, enfatizar uma só linha de significação que é aquela que lhe interessa. Então, o Laico transforma-se em Estado Ateu. Não é que aqui o Estado fosse

¹ Benjmin F. Morris – The Christian Life and Character of the Civil Institutions of the United States – American Vision Press – 1060 páginas – 2ª Edição 2007.

laico e a sociedade fosse cristã, o Estado também era cristão — apenas não participava das disputas entre as várias denominações religiosas, todas cristãs. Era como se fosse uma entidade cristã que estava acima de todas as denominações. Ninguém pensou a hipótese de proteger também a pregação do ateísmo. Ninguém pensou nisso aí, simplesmente não existia.

Então eu recomendo estes dois livros sem os quais não dá para entender o assunto: O livro do Kéryal, *A verdadeira história dos Cristeros*, que é um livro relativamente difícil de você achar; e o livro de Benjamin Morris, chamado *Do Caráter Cristão das Instituições e Leis Americanas*. Não tem esse livro na internet, só tem para vender.

Aluno: Durante o ano de 2002 fiz um curso sobre René Guenón com o professor (sic) Luiz Pontual. Acabei, é claro, “por abandonar o curso”, mas cheguei a fazer alguns resumos de alguns livros de Guenón que talvez possam ser oferecidos aos alunos interessados. Há também um resumo do interessante livro Ciência Moderna e Sabedoria Tradicional de Titus Burckhardt — um livro absolutamente memorável que deveria ser publicado. Peço de antemão desculpas pelos erros de português presentes em inúmeras notas minhas nos resumos, a maioria delas de uma puerilidade inaudita, em geral já resolvidos ou respondidos. Estou neste momento trabalhando em um resumo do The Human Action do von Mises (...)

Olavo: Isso é muito bom porque é o melhor livro de economia que existe no mundo, mas é um calhamaço de mil páginas. Então acho que o resumo seria uma boa ideia.

Aluno: (...) Estou, porém, trabalhando neste resumo em inglês, visto que é mais fácil fazer o resumo na mesma língua do livro resumido (...)

Olavo: A tradução brasileira do *The Human Action* é uma glória. Foi feita por um sujeito que nunca foi tradutor profissional, que foi o meu falecido amigo Donald Stewart, e é a melhor tradução que eu li no Brasil. É a melhor tradução de qualquer coisa.

Aluno: (...) Já percebi que ler os livros dos seus gurus é um ótimo investimento. (...)

Olavo: Por isso mesmo eu coloquei alguns nomes lá, se bem que a lista está muito incompleta.

Aluno: (...) Para seu conhecimento, após abandonar o curso do professor Luis — faço questão de durante um chope contar-lhe a história da minha briga com o Pontual — (...)

Olavo: Não tomo mais chope! Meus únicos vícios são fumar e falar mal dos outros.

Aluno: (...) e querendo continuar os estudos que julgava interessantíssimos e não podendo contar ainda com o senhor como professor, envolvi-me e fui iniciar-me a Tariqa do Xeque Hossein Nars, atual Xeque da Tariqa Maryamiyya de Washington; aliás, foi o senhor mesmo que o recomendou na época.

Olavo: Muito bem. É o seguinte: depois da morte do Schuon esta tariqa se desmembrou em várias, e uma delas é esta que ficou com o Seyyed Houssein Nars — da qual eu não tive mais informação, porque uma amiga minha que entrou na mesma época [02:40] depois continuou em um outro setor da tariqa. Mas de qualquer modo a tariqa do Schuon terminou muito mal. Terminou com muita briga e imoralidade, uma coisa feia. Eu acho que, para aquelas pessoas que têm coragem, inteligência e tempo para isto, rastrear este ensinamento de René Guénon e do Schuon até chegar a contactar com as organizações esotéricas que eles sugerem, é muito bom! Não é bom para a maioria; mas para a pessoa que tem vigor suficiente para isso, e que é capaz de suportar experiências espirituais mal sucedidas e decepções sem fim, eu acho que é uma coisa aceitável, porque alguém tem de saber disso. Eu mesmo passei por isso, passei por todas essas coisas. Quase paguei com a minha vida, ou pelo menos com o meu cérebro. Mas o que aprendi nisso aí não tem preço. Foi lá que, pela primeira vez, eu comecei a ter a famosa pergunta do Ortega y Gasset: “*Quem manda no mundo?*” Foi lá que, pela primeira vez, eu comecei a ter uma vaga ideia de quem manda no mundo.

Eu acabei de escrever um artigo que sairá no *Digesto Econômico*², precisamente sobre isto — essa coisa de René Guénon, esta escola dita tradicionalista, que é uma denominação que eles próprios não aceitam. Embora o *Digesto Econômico* seja uma revista de política e economia, eu decidi fazer um estudo sobre este assunto, porque sem ele não dá nem para entender a política de hoje em dia. A vinda do Guénon e do Schuon para o ocidente foi o maior desafio intelectual que já foi colocado à Cristandade em vinte séculos. Esses camaradas vinham com uma compreensão tão profunda do simbolismo Cristão, dos princípios metafísicos subentendidos na própria arte Cristã, nos ritos etc., que não se encontrava no clero ocidental, entre os intelectuais ocidentais, um único sujeito que compreendesse aquilo. Então era um grande de um vexame, porque aqueles caras eram todos muçulmanos e de repente eles chegavam lhe ensinando a sua religião, e você tinha de dizer “Amém” porque eles estavam certos.

O impacto desta experiência é que fez muita gente acreditar na teoria do Guénon, de que a tradição Cristã havia perdido as suas fontes originárias e tinha se transformado em um mero exoterismo, uma religião legalitária, externa, sem a compreensão profunda das suas raízes metafísicas. E então propunha uma espécie de reintegração do Cristianismo na “Tradição Universal”, personificada, evidentemente, por eles mesmos e vinculada de algum modo ao que seria o centro vivo atual da tradição primordial, o esoterismo islâmico. Isso é uma mistura de sabedoria profundíssima e empulhação rasa. Distinguir uma coisa da outra na obra deles é um desafio

² O único artigo do Olavo, que encontrei, que trata diretamente deste assunto é de maio de 2008. *Influências discretas – Jornal do Brasil 08/maio/2008*

intelectual medonho. Eu estou trabalhando nisso há trinta anos e tenho muito a contar a respeito; quando tivermos tempo podemos até investigar este assunto, o qual não faz parte daqui, mas faz parte preparar pessoas que possam ajudar nesta tarefa. As pessoas que estão interessadas nesse assunto sou eu, na França há um cidadão chamado Jean Borella, que escreveu livros absolutamente majestosos a esse respeito, há também o Louis de Maistre que eu citei outra vez. Em suma, tem uns dois ou três. São pessoas que absorveram este legado de Guénon e Schuon sem preconceito e de coração aberto, mas que perceberam que havia algo ali que estava mal explicado e que precisaria ser elucidado um dia: qual é a relação exata desse negócio de esoterismo e “tradição primordial” com o Cristianismo?

À medida que o tempo passa eu me convenço de que houve uma boa parte da matéria que foi escondida propositadamente por René Guenón — coisas que ele sabia e não poderia deixar de saber, mas que ele escondeu pois a totalidade da sua ação visava a integrar a Igreja Católica na Tradição Islâmica, como se fosse um braço da Tradição Islâmica. Entre as quais, o problema levantado por Jean Borella, que diz mais ou menos o seguinte: existe um exoterismo, que são as tradições historicamente existentes; existe um esoterismo, que é a parte interior que está vinculada à “Tradição Primordial” e que é, então, a supra doutrina metafísica que abrange, explica e origina todas as tradições — as quais estão, portanto, subordinadas. Quer dizer que tudo no René Guenón baseia-se nesta distinção entre esoterismo e exoterismo. E o Jean Borella diz que a palavra esoterismo nem existe em grego; existe apenas *exotericus*, como adjetivo, que significava uma coisa muito mais simples, que era a diferença, por exemplo, entre o ensino de Platão, o ensino exotérico ou público, e a parte oral dada aos discípulos mais internos, sem nenhuma pretensão de representar uma cadeia iniciática imemorial etc.. Como é possível que esta noção imemorial, atemporal, supra-temporal se expresse com uma palavra que, historicamente, só passou a existir no século XVIII?

Esta distinção de esoterismo e exoterismo, a qual Guénon dá uma acepção de diferença formal e hierárquica, está errada. Se esoterismo e exoterismo são dois níveis de penetração intelectual em uma coisa, essa coisa tem de existir e ela é a Revelação — seja a revelação primeira, que é a própria criação do mundo, seja as revelações historicamente manifestadas, como a revelação feita à Moisés, depois a vinda do Cristo. Esoterismo e exoterismo são apenas duas formas de hermenêutica, de interpretação; nenhum deles é a Tradição, nenhum deles é a Revelação. São apenas duas maneiras sucessivas de investigar a revelação. Mais ainda: em grego, os termos esotéricos e exotéricos são correlativos que mostram uma gradação; não é uma coisa aqui e outra coisa lá. Há uma gradação mais interior e mais exterior, não há o interior e o exterior distintos.

Isso mostra um defeito estrutural de todas as exposições do Guénon, nas quais ele coisifica as noções de esoterismo e exoterismo, e identifica a “Tradição Primordial” com o esoterismo. É um erro histórico monstruoso, para dizer o mínimo, e, não obstante, tudo o que o Guénon nos deu na interpretação de símbolos é um tesouro. Porém, existem os guenonianos de estrita observância, que são devotos de Guénon — como o Luis Pontual — e existem as pessoas

que ficam horrorizadas com o Guénon, que o chamam de gnósticos e correm dele — tipo Orlando Fedeli, Rodrigo Pedroso etc. (Eu não deveria ter falado Orlando Fedeli e Rodrigo Pedroso na mesma frase, fica uma coisa horrorosa.) São pessoas que ouviram falar disto e ficam fingindo que sabem o que é gnosticismo, querendo discutir a coisa numa base que eu não posso nem chamar de inquisitorial. No tempo da Inquisição, a primeira coisa que o inquisidor fazia quando tinha uma suspeita de heresia era ir falar com o herético, ler tudo o que ele escreveu, conversar e discutir com ele, deixá-lo se explicar e, depois, tentar convencê-lo de que estava errado, caso estivesse. Se não conseguiu convencê-lo, então pedia-se uma medida disciplinar contra o sujeito. Se a medida disciplinar não funcionasse, [02:50] começava-se um processo. Os inquisidores de hoje não fazem isso! Eles ouvem falar de algo e já condenam o sujeito imediatamente, sem precisar ler nada, sem saber nada, sem entender e sem ter a mais mínima condição de entender. Quando vocês lerem alguma coisa dizendo que eu divulguei um gnóstico, que o Guenón é um sujeito perigoso, saibam que quem está falando é uma pessoa absolutamente desqualificada para discutir a questão e que o simples fato de terem alguma opinião a respeito já é de uma imoralidade fora do comum.

Bem, todas essas informações podem ajudá-lo em alguma coisa nos seus estudos esotéricos. Mas se você entrou para a tariqa, eu sugiro que fuja de lá. Já pegou o que queria lá? Fuja para que você veja aquilo com a devida distância. Leia o livro do Louis de Maistre, leia o Jean Borella ou o que eu estou lhe dizendo, e saiba que toda esta contribuição da escola tradicionalista pode ser útil, mas primeiro ela vai ter de ser processada intelectualmente, e vamos ter de dar conta de todas as mentiras e empulhações que ela também nos impôs — que vêm junto com tesouros de conhecimento que são fantásticos.

Aluno: Como se dissemina a crítica cultural no Brasil? Como criar essa crítica?

Olavo: Bom, isso é um problema para nós pensarmos daqui quatro ou cinco anos. Acho que primeiro, para fazer a crítica da cultura, você tem de tê-la absorvida. Em segundo, você deve se colocar em um patamar superior. Patamar que, de certo modo, ela mesma lhe fornece através dos produtos dela que não estão integrados nela mesma, porque são superiores a ela — como, por exemplo, o Mário Ferreira. Subindo até o ponto de vista do Mário Ferreira você consegue olhar a cultura brasileira como um todo e ver nela o que pode haver de deficiente, de errado, de atrofiado etc. Eu estou tentando formar pessoas para que elas possam fazer isso.

O problema dos instrumentos editoriais, jornalísticos etc., nós podemos deixar para depois porque muita água vai correr neste ínterim. Na pior das hipóteses, se não houver nenhum jeito de fazer isso dentro do Brasil, nós faremos de fora. Nós daremos um jeito de tirar um monte de gente daí e faremos uma cultura brasileira no exílio, a qual acabará se afirmando como a verdadeira cultura nacional neste período. Vejam o que aconteceu na Rússia: os melhores escritores foram para o exílio ou foram para o Gulag. Não sobrou nada da cultura superior russa do período soviético. O que lemos são os caras que na época eram marginais. E é isso que hoje chamamos de cultura russa da primeira metade do século XX. Foram aqueles caras que fugiram, como Nicolai

Berdiaev, Leon Chestov, ou que foram para a cadeia, como Soljenítsin, Vladimir Bukovsky etc. — essa é a cultura russa; do resto não se ouve mais falar porque não tem mais importância.

Tudo o que se escreveu e se publicou no Brasil nos últimos trinta anos não tem a menor importância, é tudo bobagem. Bobagem comparado com a produção brasileira dos anos cinquenta, sessenta, até setenta. Pensem na plêiade de escritores de primeiro plano que nós tínhamos na época: havia o José Geraldo, Graciliano Ramos, Manoel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Oliveira, Gilberto Freyre, Miguel Reale, Mário Ferreira dos Santos, Vicente Ferreira da Silva etc. Era um negócio riquíssimo, sem contar os estrangeiros que foram para lá e se integraram à cultura brasileira, como Vilém Flusser, Otto Maria Carpeaux ou Anatol Rosenfeld. Hoje, intelectual no Brasil é o Jô Soares, Luis Fernando Veríssimo, Emir Sader etc. É uma queda indescritível. Não tem nem como dizer o que aconteceu, porque aquilo que não aconteceu não tem causa. O sujeito era inteligente, estava criando um monte de coisa e de repente emburreceu e não faz mais nada; por que ele não faz mais nada? O porquê eu não sei, nem interessa saber.

Investigar as causas da decadência não faz sentido, porque frequentemente é uma coisa muito deprimente. Eu vejo que, à medida em que eu vou ficando mais velho, a minha capacidade para ler estas besteiras que estão falando no Brasil diminui. Isso me deprime, me tira as energias. Por quê? Porque quando você lê a expressão de uma mente tosca e absolutamente caótica, inconsciente de si, é natural o impulso de querer estruturar aquilo; mas às vezes a confusão do sujeito é tão grande que para cada dez linhas que ele escreve você precisaria dar aula para ele por um ano, para restaurar a normalidade dele. Eu sou incapaz de ler essas coisas sem querer de algum modo consertá-las e esclarecer o sujeito, pois é minha própria vocação. Só que eu olho aquilo e vejo que não posso curá-lo, é algo que está infinitamente acima da minha capacidade.

Imaginem um psicólogo de crianças. Ele está tratando de criancinhas e, de repente, trazem para ele um *serial killer* totalmente psicopata, e querem que o psicólogo o conserte. Não! Eu estou aqui capacitado para organizar a mente de vocês, que são crianças saudáveis. Há um problema aqui, uma deficiência ali, mas são pessoas saudáveis. Porém, eu não tenho a capacidade para reorganizar a cabeça de um desses fulanos, de um Rodrigo Constantino, por exemplo. Isso ultrapassa; eles são expressões do total estado de alienação da cultura brasileira.

É mais fácil criar uma outra cultura a partir dos elementos saudáveis do que consertar esses. O que tem de fazer com esses caras? Jogar tudo fora, esquecer tudo, e nem é preciso fazer muita força porque daqui trinta anos ninguém se lembrará deles. Quem estará lendo Luis Fernando Veríssimo ou o Dr. Emir Sader? São pessoas que só são lidas porque há um aparato partidário que impõe a leitura disso nas Universidades. Não é nem propaganda. A propaganda jamais faria alguém ler o Emir Sader. Você só vai ler isso se o seu professor obrigá-lo a ler, caso contrário levará um zero. É uma máquina de imposição que, à medida que ela for se divertindo com outros autores, aqueles

serão esquecidos. Então não precisamos fazer nada para combatê-los. A curto prazo seria muito difícil combatê-los, porque são muitos e ficam falando besteira; mas se nós estamos trabalhando para o amanhã, para o futuro, não precisamos nos preocupar com eles. Eles se esbofeteiam sozinhos. Eles se eliminam a si próprios, mergulham na sua insignificância e desaparecem dentro dela.

Não se trata de fazer crítica cultural, mas criação cultural. Isso eu espero de todos vocês. Pelas perguntas que me chegam eu vejo que muitos alunos deste curso são de uma capacidade fora do comum. Eu não vi nenhuma pergunta idiota desde a hora em que eu comecei a dar o curso. Esta é a primeira vez em que eu estou dando um curso que não tem pergunta idiota. Eu precisei fugir do Brasil para isto acontecer, porque geograficamente é impossível reunir pessoas talentosas, pois elas estão espalhadas. Há muitas no Brasil, mas elas estão espalhadas, e só há um jeito de reuni-las: pela internet.

[02:59] Então é isso aí. Até semana que vem e muito obrigado.

Transcrição: Pedro Lima, Mariana Belmonte, Klauss Tofanetto, Silvia Orsini e Carlos Felice.

Revisão: Mariana Belmonte